



VIDAA
ADMIRÁVEL
ESCOLA

BRAVO NICO
LURDES PRATAS NICO

© José Bravo Nico e Lurdes Pratas Nico

Título: Vida: a Admirável Escola

Autores: Bravo Nico e Lurdes Pratas Nico

Design e Paginação: Márcia Pires

Impressão e Acabamento:

Edição dos autores

ISBN: 978-989-8655-75-2

Depósito Legal:

Évora, Novembro de 2016

Nenhuma parte desta publicação pode ser transmitida ou reproduzida por qualquer meio ou forma sem a autorização prévia do editor.
Todos os direitos reservados por Bravo Nico e Lurdes Pratas Nico

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| Prefácio | 7 |
| O 1.º de Dezembro, nos Restauradores... | 9 |
| Prof. Augusto da Silva! | 10 |
| Republicanos... | 11 |
| Guerra e Paz... | 12 |
| Construindo pontes entre os sonhos e os sonhadores... | 13 |
| A verdade e a mentira na política... | 15 |
| Zé P. e a questão dos juros... | 16 |
| 2015 TB145... | 17 |
| A armadilha orçamental do interior de Portugal | 18 |
| A escolha de Outubro! | 20 |
| A guerra fria acabou!... | 22 |
| A lição africana! | 23 |
| A menina da Amadora... | 24 |
| Alentejo, contribuinte de Portugal? | 25 |
| O «Mirandês» Amadeu Ferreira... | 27 |
| O cante alentejano: almas dos alentejanos, património de todos! | 28 |
| As carteira recheadas... | 29 |
| Charlie Hebdo... | 30 |
| Desculpem lá qualquer coisinha... | 31 |
| Esplendor alentejano... | 32 |
| Tragédia grega ou democracia em Atenas? | 34 |
| As diferenças dos mais fracos e as sentenças dos mais fortes... | 36 |
| Humberto Delgado... | 37 |
| Liberdade! | 38 |

| | |
|--|----|
| Mediterrâneo... | 39 |
| Melros ou abelhas? | 41 |
| Memória e Humanidade, por favor... | 43 |
| O caminho é para a frente! | 45 |
| O grito no Le Bataclan... | 46 |
| O Papa Francisco... | 47 |
| Diário do Sul, com os pés bem assentes na terra! | 48 |
| Política alentejana... | 49 |
| Política boa, verdadeira, sincera, leal e justa: exige-se! | 51 |
| Silvano Simões... | 53 |
| Zigue-zague ou zague-zigue? | 55 |
| Obama, futuro líder da União Europeia? | 56 |
| 2016! | 58 |
| 112 Hospitais... | 59 |
| A catástrofe demográfica do interior... | 60 |
| Eleições encerradas: ao trabalho! | 61 |
| Intervenção precoce: uma política pública de referência! | 63 |
| O senhor da biblioteca... | 64 |
| Parabéns, Diário do Sul! | 65 |
| Política positiva... | 66 |
| Podemos escrever o destino ao contrário... | 67 |
| Prof. Manuel Ferreira Patrício | 68 |
| RTP Olha para Pegões! | 70 |
| SOS Montado? | 71 |
| Guilherme, de São Tomé... | 72 |

PREFÁCIO

Palavras.

São as palavras que Bravo Nico nos apresenta nesta colectânea de textos, publicados no Diário do Sul, que nos levam à proximidade que o autor nos incute na sua escrita.

Bravo Nico é um comunicador nato que, desde longa data, nos “oferece” a suave leitura dos seus textos.

Provavelmente, pela sua experiência de ensino, consegue, naturalmente, cativar os nosso leitores para temas tão diversos, quanto estes, agora, reproduzidos neste livro.

Da importância do 1.º Dezembro, à Implantação da República, passando pela relação com os homens da escrita e do pensamento, ou de lutadores pela liberdade como Humberto Delgado, o autor entrega-se a uma análise social, toda ela contribuinte para a construção do pensamento livre das novas gerações.

“*Desculpem lá qualquer coisinha*”, “*Esplendor Alentejano*” ou “*Das diferenças dos mais fracos e as sentenças dos mais fortes*” são textos recomendados, sem nunca perder o magnífico texto “*Mediterrâneo*” que nos leva a pensar ou repensar a capacidade desumana que, muitas vezes, o Homem consegue atingir.

Esta imagem pelo pensamento e pela escrita de Bravo Nico proporciona ao leitor conhecer melhor a obra do autor, à qual não se poderá dissociar a construção dessa extraordinária experiência social que é a Suão.

“Admiro aqueles que plantam árvores, mesmo sabendo que nunca se sentarão à sua sombra”. (Rubem Alves)

Paulo Piçarra



O 1º DEZEMBRO, NOS RESTAURADORES...

Passei o dia 1º de Dezembro, em Lisboa, devido a compromissos de natureza cívica, decorrentes das minhas responsabilidades institucionais na minha freguesia. Foi um dia que não irei esquecer, pelos episódios que vivi na Praça dos Restauradores.

De manhã, no Palácio Foz, estive integrado numa delegação da SUÃO-Associação de Desenvolvimento Comunitário de São Miguel de Machede, que aí se deslocou para receber uma distinção importante, das mãos do Primeiro-Ministro, a propósito de um projecto designado Circuito da Aldeia. Nessa cerimónia, a nossa colega Patrícia Ramalho, no discurso que proferiu, referiu que os jovens do Alentejo não desistem de lutar pelo seu futuro, na sua terra. Aquelas palavras soaram-me a autodeterminação: queremos viver na nossa terra! Penso que o Primeiro-Ministro as sentiu e as valorizou, pelo discurso que ele próprio, depois, teve oportunidade de fazer.

Da parte da tarde, um grande desfile de bandas filarmónicas descendo a Avenida da Liberdade em direcção à Praça dos Restauradores, celebrando o Dia da Restauração da Independência. Lá estava o nosso distrito de Évora representado (e muito bem) pela Banda da Sociedade União Alcaçovense. Uma excelente actuação dos nossos músicos de Alcáçovas, de que nos devemos orgulhar. Presente e ao lado, em todo o momento, da banda da sua terra, o Presidente da Câmara Municipal de Viana do Alentejo, Bengalinha Pinto, a quem tive oportunidade de dar um abraço e os parabéns pela forma como aqueles músicos representaram o distrito de Évora.

Dois episódios, simples e aparentemente sem qualquer relação com a efeméride do 1º de Dezembro. No entanto, isso é só mesmo uma aparência, pois senti, na alma das palavras da Patrícia Ramalho, uma determinação patriótica de não desistirmos das nossas terras do interior alentejano; senti, na melodia das músicas tocadas por cada elemento da Banda das Alcáçovas, o fervor patriótico daqueles que combateram e expulsaram, em 1640, os nossos invasores e ocupantes; senti, naquele sorriso do Presidente de Câmara de Viana do Alentejo o orgulho de ser o genuíno representante da sua terra e das suas gentes, no coração da capital de Portugal.

No domingo, 1º de Dezembro, em Lisboa, senti-me orgulhoso, por ser alentejano, e feliz, por ser português.

PROF. AUGUSTO DA SILVA!

Já o conhecia dos corredores do Colégio do Espírito Santo, desde os meus tempos de estudante iniciados em 1983. No entanto, foi apenas em 2002, a propósito da Conferência que produziu no I Congresso Internacional sobre Literacias, que tive a oportunidade de ficar rendido ao brilhantismo intelectual, à humildade académica, ao rigor científico e à fina ironia do Prof. Augusto da Silva.

Naquela Conferência, para mim inesquecível, o Prof. Augusto da Silva falou acerca da necessidade evidente de uma literacia religiosa que promovesse o conhecimento das diferentes religiões como base para, através da sua compreensão, estabelecer um diálogo, pacífico e cooperante, entre todos os povos do mundo e, dessa forma, evitar os riscos dos conflitos e das tensões que a eles levam.

Daí em diante, falámos algumas vezes. Da academia, da política, da região e do meu percurso em todas estas dimensões. Sempre dele escutei palavras esclarecidas e de muita sapiência que me ensinaram muito. Sempre me questionou acerca do meu trabalho cívico e político. Ouvia-me, com atenção, e aqui e ali deu-me algumas opiniões, sempre úteis.

A Universidade de Évora e o Alentejo ficam-lhe a dever muito. A Sociologia fica-lhe com outra grande dívida. Mas, principalmente, somos todos nós, que tivemos oportunidade de o conhecer e de com ele aprender, que lhe ficaremos eternamente reconhecidos pelo seu exemplo, trabalho e incentivo constante.

Este não é o espaço para relatar todo o trabalho do Prof. Augusto da Silva. Certamente, a Universidade de Évora acautelará esse testemunho e reconhecimento institucional e académico. Aqui, nestas curtas palavras, apenas tento agradecer-lhe o seu trabalho mais importante para com a minha pessoa: o grande Professor que foi para mim, apesar de nunca ter tido a oportunidade de assistir a uma única aula sua...

Obrigado, Prof. Augusto da Silva e até sempre!

REPUBLICANOS ...

No passado dia 5 de Outubro, tive a oportunidade de visitar uma exposição alusiva à data e ao significado da mesma, na sede do Partido Socialista, em Évora. A iniciativa – promovida pela Secção de Évora do PS – marcava, de forma simbólica, a implantação da República e os valores associados a essa mudança histórica em Portugal.

Naquela, pequena mas muito informativa, exposição estavam disponíveis algumas cópias de fotos e recortes de jornais da época e, aí, podiam identificar-se alguns dos que, em Évora, deram a cara e assumiram, de forma mais visível e pública, a luta republicana.

Após a visita pela exposição, participei num jantar mais informal com alguns camaradas e amigos socialistas, no qual, todos tivemos oportunidade de conviver e celebrar, uma vez mais, os ideais republicanos. Ao longo da jantarada, todos partilhámos o que pensávamos e sentíamos acerca do significado de conceitos como República, Democracia, Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Falámos, explicitamente, de uns e sentimos, de forma implícita, outros.

Sentados numa mesa simples e em torno de uma refeição, humilde mas saborosa, um conjunto de cidadãos – homens e mulheres com idades e situações de vida muito diferentes – foram iguais entre si e construíram, na diversidade das suas circunstâncias, um momento simbólico de verdadeira Liberdade e Fraternidade.

Quando sentimos que todos, sendo diferentes, nos sentimos iguais; quando a experiência dos mais velhos é respeitada pelos mais jovens e quando a energia destes é sentida e valorizada pelos primeiros; quando são os valores e os princípios que nos motivam e não são os interesses que nos movem; quando a amizade e a lealdade sinceras conseguem romper com a servidão e a submissão; quando sentimos a liberdade e a democracia e quando defendemos a lei como requisito das mesmas e condição única de igualdade para todos.... Quando é tudo isto que sentimos, é porque o ideal republicano nos anima e a política que fazemos tem um verdadeiro sentido.

No final do jantar, cantou-se o Hino Nacional e, apesar das desafinações, sentiu-se o tal arrepio da verdade das coisas que valem a pena...

GUERRA E PAZ...

Nos últimos tempos, as notícias da Guerra têm vindo a tomar conta das agendas dos órgãos de comunicação social. A Guerra instalou-se um pouco por todo o lado: Ucrânia, Palestina/Israel, Iraque, Afeganistão, Síria e Mali são alguns dos locais onde as pessoas sofrem com esse cancro do mundo que é a Guerra.

As notícias são tão frequentes que já nos são quase indiferentes. No entanto, há alguns momentos que nos prendem a atenção e nos despertam a emoção, a tristeza e a revolta. Na realidade, a execução de jornalistas (com a barbaridade da decapitação) e o fuzilamento de milhares de pessoas no Iraque, apenas pelo facto de professarem uma religião diferente da dos seus executores, é uma realidade que nos impressiona. Igual efeito nos provocam as imagens que nos mostram as vítimas da guerra entre Israel e o Hamas, das quais muitas são crianças. Do resultado de toda esta Guerra, resultam ainda milhões de refugiados que perderam tudo: a casa, a família e os seus projectos de vida.

Parece, pois, que o mundo caminha, passo a passo, para uma época bem mais complicada do que a que vivemos até aqui, desde a última grande guerra. Os ventos que correm não auguram nada de bom e os regimes totalitários e extremistas têm vindo a ganhar terreno aos regimes mais democráticos e livres. Com o paradoxo que é nestes últimos que «nascem» e «crescem» muitos dos mais radicais senhores da guerra existentes nos dias que correm.

Não há remédio fácil nem rápido para tratar a doença da Guerra. Na história da humanidade, até ao presente, em muitas circunstâncias só uma guerra parou a Guerra e só ocorreu Paz e Liberdade, depois de guerras terríveis que vitimaram milhões de pessoas.

Espero que prevaleça o bom senso entre os líderes mundiais (os que podem fazer a guerra ou impor a Paz). Mas, também espero que esses líderes não se acobardem perante os ditadores e os extremistas que já demonstraram que não respeitam a vida nem os direitos das pessoas. Por vezes, não podemos fingir que não se passa nada e que tudo se resolverá se ficarmos quietos. De facto, passa-se algo de muito grave e preocupante e só haverá PAZ e LIBERDADE no mundo se existir CORAGEM, LIBERDADE e DEMOCRACIA para combater os senhores da Guerra.

CONSTRUINDO PONTES ENTRE OS SONHOS E OS SONHADORES ...

O conhecimento é infinito e tem poderes mágicos: permite-nos pensar mais e melhor e crescer, como seres humanos; liberta-nos da ignorância e dá-nos autonomia para decidirmos, de acordo com os nossos valores e os nossos critérios; capacita-nos a participar, de forma mais qualificada e mais transformadora, naquilo que determina as nossas vidas e torna-nos mais iguais; é um legado de todas as gerações que nos precederam e deverá estar à disposição de todas as que nos sucederem; é um património eterno, que não se gasta com o uso e não se subtrai devido à partilha. O conhecimento é a essência da humanidade e é um direito de todos os seres humanos.

O parágrafo precedente foi o farol que escolhi para a minha vida. Acho que tudo começou numa aula de Teoria da Educação, em 1983, na Universidade de Évora. Foi aí que a minha vida tomou um novo rumo. Aquelas palavras do Professor Manuel Ferreira Patrício, sobre a essência da Educação e do seu papel na construção da Liberdade e da Autodeterminação das pessoas foram um autêntico interruptor que se ligou dentro de mim, deixando entrar um ideal poderoso: construir pontes entre o conhecimento e todos os que deles estão longe, por qualquer razão. Construir essas pontes para que possam ocorrer encontros felizes entre seres humanos e os conhecimentos, os saberes, as culturas, as informações e as experiências.

Construir pontes entre os sonhos e os sonhadores, na certeza de que aquilo que os separa se chama aprendizagem. Aprendizagem, a grande e universal ferramenta de transformação das nossas vidas e dos nossos destinos.

Desde aquele dia de 1983, sinto que é esta a minha missão vital: ajudar a edificar pontes para que, nelas, aconteçam aprendizagens capazes de mudar as vidas daquelas e daqueles que as concretizam. Tenho a felicidade de ser professor e, portanto, profissionalmente realizo-me, todos os dias, fazendo aquilo que acredito e que me guia em todos os dias.

Mas, há uma outra parcela da minha vida que concorre para este caminho que trilho: a minha vida cívica e social, na minha terra: o Alentejo. Em 1998, com amigas/os da minha terra (São Miguel de Machede/Évora), fundámos a Escola Comunitária de São Miguel de Machede no seio da

SUÃO-Associação de Desenvolvimento Comunitário e, desde esse momento tão significativo, construímos muitas pontes entre muitos sonhos e os seus respectivos sonhadores. A Brigada Assinatura fez nascer assinaturas inimagináveis das mãos enrugadas de muitas/os conterrâneas/os nossas/os, acompanhados de sorrisos únicos, molhados, aqui e ali, de lágrimas felizes; o Gabinete do Desenrascanço Estudantil deu asas a muitos projectos de vida, tornando-os reais; o Curso de Educação de Adultos preencheu de desafios e novidades tantas vidas antigas, cheias de solidão e de saudades; o Circuito da Aldeia transformou saberes e quotidianos da aldeia num produto de turismo pedagógico para um nicho de mercado urbano. Em 15 anos, a Educação não Formal tornou-se, com o nosso projecto, uma actividade económica que cria riqueza, dá emprego aos jovens qualificados e realiza projectos e sonhos de todos.

Desde 2009, através da Universidade Popular Túlio Espanca da Universidade de Évora, aumentou-se a escala do desafio e do nosso sonho: construir mais pontes, em todo o Alentejo. Pontes entre as/os alentejanas/os e o saber. Não podia terminar estas palavras sem referir que as pontes que se vão construindo no Alentejo têm dois sentidos: por elas nos chega o conhecimento, a cultura e a sabedoria das/os que nunca tiveram oportunidade de frequentar uma escola, daquelas/es que aprenderam com a Natureza, com os mais velhos, com a experiência e com a sensatez deste extraordinário povo.

Para mim, que passo a vida nestas pontes e nelas me vou encontrando com esta maravilhosa gente, tenho aprendido muito mais do que tenho ensinado. Tem sido sempre assim: no meio da ponte, encontro sempre mais para receber do que aquilo que levo para oferecer. Obrigado Alentejo!

A VERDADE E A MENTIRA NA POLÍTICA...

O Secretário de Estado da Administração Pública chamou os jornalistas ao seu gabinete e disse-lhes que os cortes dos salários e das pensões, ditos provisórios desde 2011, serão definitivos, a partir de 2015.

Naturalmente, os jornalistas divulgaram a informação. Eis que caiu o Carmo e a Trindade! O Primeiro-Ministro, em Moçambique, disse que não era nada disso e pediu calma aos seus colegas do governo; o Vice Primeiro-Ministro, no Parlamento, afirmou que se tratou de um erro; a Ministra da tutela não se pronunciou. O Secretário de Estado – que foi único que disse a verdade – foi o único que ficou mal na fotografia e quase era demitido por ser sincero.

No entanto, a questão é bem mais profunda do que aparenta. Há uma questão que se deve colocar: porque razão um governante chama os jornalistas, fala com eles durante algumas horas, lhes transmite uma informação que toda a gente sabe que é verdadeira (infelizmente) e depois de os jornalistas fazerem aquilo para que foram convidados, são estes últimos considerados os culpados de todo o mal provocado por declarações tão penalizadoras para os pensionistas e trabalhadores?

Na realidade, este lamentável episódio revela uma das dimensões baixas e pequenas da política: a mentira. A mentira que prevalece em detrimento da verdade, da sinceridade e da frontalidade. A mentira que os portugueses não merecem, particularmente depois dos sacrifícios que estão a fazer. A mentira que mina a confiança dos cidadãos nos políticos e na Política.

O que se passou é um mero episódio da nossa actual política, mas ilustra bem a forma, desqualificada e lamentável, como somos governados. Merecemos mais e melhor. Merecemos governantes que nos digam a verdade, por muito difícil que seja e por muito penalizadora que se revele.

Dizer a Verdade aos portugueses, nos tempos que correm, é o mais elementar dever ético e deontológico de qualquer eleito. Quem quer que não o respeite, não o cumpra ou o manipule não tem condições para governar em nome do povo.

Na Política não vale tudo e a mentira não pode ter lugar cativo.

ZÉ P. E A QUESTÃO DOS JUROS ...

O amigo Manuel explicou ao Zé P. que Portugal paga de juros da sua dívida pública, em cada ano, cerca de 7500 milhões de euros. Um número verdadeiramente impressionante e um fardo quase insuportável para o país e para todos nós, contribuintes.

Referiu, ainda, que, de acordo com alguns especialistas financeiros, o valor médio da taxa de juros dos empréstimos que Portugal possui, neste momento, andar­á entre os 3,5% e os 4% ao ano. Se assumirmos, como valor médio, os 4%, teremos que, se conseguíssemos baixar 1% no valor que pagamos de juros, tal significava que Portugal pagaria menos cerca de 1900 milhões de euros, em cada ano. Se conseguíssemos baixar 2%, o valor a pagar desceria cerca de 3800 milhões de euros (o equivalente aos cortes que fazem, em cada ano, aos trabalhadores e pensionistas).

Ao ouvir estas explicações do amigo Manuel, o nosso amigo Zé P. perguntou o seguinte:

– Mas o nosso amigo Vítor, Ministro das Finanças, porque é que nunca deu corda aos sapatos e não foi falar com quem nos emprestou dinheiro, para negociar os juros, para ver se poupávamos uma fortuna todos os anos? Falar com esses fulanos do Fundo Monetário Internacional/FMI e do Banco Central Europeu/BCE, para ver se o pessoal, que anda com a língua de fora com os impostos, tem uma folgazita?

Manuel respondeu ao Zé P. que sim senhor! O Sr. Ministro (que já não o é) foi ao FMI. Só que não foi negociar os juros do empréstimo do nosso país, mas sim para se candidatar a um empregozito... E, ao que parece, foi seleccionado, pela sua linda folha de serviços.

Zé P. nem queria acreditar no que escutava. Apeteceu-lhe dizer um palavrão, mas a educação que os seus pais lhe haviam dado, impediu-o de proferir o impropério...

2015 TB145...

Quase ninguém deu por isso, mas, no passado dia 31 de Outubro, um asteroide, denominado 2015 TB145 e com o diâmetro de 600 metros, passou a cerca de 480 000 Km da nossa casa, animado de uma velocidade de 126 000Km/hora. Este corpo celeste apenas foi detetado pelos telescópios no dia 10 de Outubro, 21 dias antes de passar muito perto da Terra. Se viesse direito a nós...

Este facto deveria merecer um pouco mais da nossa atenção, pela sua relevância científica e, principalmente, pela evidência da nossa fragilidade neste cosmos em que habitamos e que desconhecemos profundamente.

No dia em que o camarada Jerónimo de Sousa, contrariado, lá se pronunciava acerca do acordo das esquerdas; Passos Coelho aguardava, no seu gabinete, o final do seu mandato como primeiro-ministro de Portugal, iniciado no dia anterior; Cavaco Silva esperava, sentado, pelo acordo entre o PS, o PCP e o BE; Rui Vitória respirava de alívio após a goleada do Benfica ao Tondela; o tenista João Sousa apurava-se para a final do torneio de Valência (que veio a vencer); Cristiano Ronaldo marcava uma vez mais no Real de Madrid; Tino de Rans anunciava a sua candidatura a Presidente da República; Luaty Beirão comia as suas primeiras refeições, após 36 dias de greve de fome; os portugueses ficavam alarmados com a notícia de que comer umas salsichas e umas sandes de fiambre ou de presunto podem fazer mal à saúde... enquanto todos estes dramas se desenrolavam, neste nosso minúsculo mundo português e mesmo por cima das nossas cabeças passava, em voo rasante, o **2015 TB145...**

Desta vez, safámo-nos...

A ARMADILHA ORÇAMENTAL DO INTERIOR DE PORTUGAL

Portugal conta, desde a década de 80 do século passado, com duas importantes fontes de financiamento para o seu desenvolvimento: o financiamento nacional inscrito nos diferentes Orçamentos de Estado (OE) e o financiamento europeu inscrito, desde 1989, nos diferentes programas operacionais nacionais e regionais. Neste contexto, **Portugal terá recebido da União Europeia, até ao presente, mais de 100 mil milhões de euros. Os impactos, positivos, deste investimento são visíveis em todo o país, particularmente nas regiões, histórica e estruturalmente, mais frágeis, do interior do território continental e nos arquipélagos da Madeira e dos Açores.**

Entretanto, ao longo das últimas três décadas e meia, as regiões mais desenvolvidas foram reduzindo a proporção de apoio europeu nos investimentos realizados, enquanto as regiões menos desenvolvidas mantiveram ou aumentaram essa presença relativa. Nestas últimas, aconteceu mesmo que muitos serviços públicos começaram a ser financiados por fundos europeus e, com isso, a ser retirados do perímetro orçamental nacional. Esta realidade determinou **uma nova geometria orçamental no país, na qual as regiões mais pobres de Portugal têm vindo a ser empurradas para fora do perímetro orçamental e a ficar ligadas à torneira europeia. O quadro de apoio europeu, que agora se inicia (Portugal 2020), acentuará, no nosso país, esta fractura orçamental.**

Para demonstrar o que afirmo, dou o exemplo da educação e da ciência no Alentejo (região em que vivo e área em que desenvolvo a minha actividade profissional): **nos últimos três anos, o financiamento nacional (em sede de OE) das instituições de educação e formação (nomeadamente as do ensino superior) e as unidades de investigação científica da região alentejana decresceu, de forma sistemática e drástica.** Perante esta *asfixia orçamental*, aquelas instituições têm vindo a procurar alternativas de financiamento, nomeadamente no âmbito dos programas europeus do sector – à semelhança das suas congéneres de todo o país – e, mais recentemente, através dos programas operacionais regionais, para onde estão a ser *orçamentalmente empurradas*, pelo actual governo. Por outras palavras, **no Alentejo (e em todo o interior português), o euro europeu deixou de**

se adicionar ao *euro nacional*, o que era e é uma condição necessária para promover um desenvolvimento convergente. Pelo contrário, o *euro europeu* substitui, cada vez mais, o *euro nacional*, que se perdeu do OE.

Nestas condições, no interior de Portugal, a crescente presença relativa do financiamento europeu, no esforço de desenvolvimento e, principalmente, na presença e funcionamento de alguns serviços públicos – que aí asseguram a presença do estado, através das respectivas funções sociais e de soberania – esconde uma perigosa *armadilha orçamental* que, a prazo, resultará numa maior fragilização estrutural dessas regiões e num potencial aumento da exclusão dos portugueses aí residentes.

A ESCOLHA DE OUTUBRO!

No próximo mês de Outubro, Portugal vai a votos, em eleições legislativas. Seja qual o for o resultado que sair das mesmas, iniciar-se-á um novo ciclo político. Como é habitual, **nos próximos meses, irão ser apresentadas, muitas e diferentes, promessas, oriundas de todos os quadrantes políticos.** Umas, mais exequíveis, porque mais pensadas e construídas na realidade e nas possibilidades do país; outras, menos exequíveis, porque mais construídas na demagogia e no populismo. Vai haver de tudo, para todos os gostos e para todas as bolsas.

No entanto, como também todos sabemos, **o que vai fazer a diferença, antes e depois das eleições, serão as pessoas** que se assumem como candidatas e que serão eleitas: **o seu perfil ético**, evidenciado nos valores e princípios que defendem e que têm praticado, ao longo da sua vida; **a sua sensibilidade**, que é traduzida pela genuína preocupação em conhecerem os problemas reais dos seus concidadãos, escutarem, com cuidado, as suas ideias e propostas e em terem a humildade de lhes explicar as decisões que tomam, sejam lá elas quais forem; **a sua seriedade**, que se sente, quando falam verdade e com total transparência, independentemente do que disserem; **a obra feita**, nos seus passados de cidadãos e profissionais que é sempre uma prova mais válida do que as palavras que dizem, em cada ocasião.

São estes, na minha opinião, os critérios mais importantes a utilizar na avaliação que devemos fazer dos/as políticos/as que nos pedirem o voto e consequente confiança política.

Portugal vive um momento muito difícil, como todos sabemos. **Muitas das causas destas nossas dificuldades encontram-se na forma como fomos governados e representados por alguns daqueles que elegemos.** Algumas dessas pessoas não nos falaram **VERDADE**, quando prometeram o que sabiam que não conseguiriam cumprir; não tiveram **RESPONSABILIDADE**, quando, em momentos críticos, não se preocuparam com o bem comum, deixando de lado as suas posições individuais; não manifestaram **SENSIBILIDADE** com as injustiças e as desigualdades e não tiveram a **HUMILDADE** de escutar outros, procurando o necessário consenso com que se constroem

as melhores soluções para os problemas mais complexos; não revelaram **LEALDADE e SOLIDARIEDADE**, quando, nos momentos mais difíceis, não hesitaram e pensaram mais nos seus próprios interesses e traíram os compromissos a que estavam obrigadas.

No momento de decidirmos entregar o nosso voto a um partido político, elegendo os nossos representantes e confiando-lhe a responsabilidade de governar o nosso país, devemos ser exigentes e avaliar, com critério, o perfil de quem se apresenta perante nós. **Mais do que a bondade das promessas, avaliemos a certeza das provas dadas. A melhor garantia num contrato para o futuro é sempre a confiança do(s) contrato(s) cumprido(s) no passado.**

A GUERRA FRIA ACABOU!...

“*A Guerra Fria acabou*”. Foi assim que o Presidente dos Estados Unidos (EUA) da América, Barack Obama – a propósito do estabelecimento do diálogo com Cuba –, iniciou uma conferência de imprensa, no passado sábado, na Cidade do Panamá, à margem da VII Cimeira das Américas.

Desde a década de 50 do século passado, que os EUA e Cuba mantinham um conflito diplomático, na sequência das tensões existentes entre a ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) – de que Cuba foi forte aliada – e os americanos. Um conflito que quase desembocou num conflito entre as duas superpotências da época quando, em 1962, os EUA acusaram a URSS de instalar mísseis nucleares em Cuba.

Durante mais de 50 anos, nunca tinha sido possível alterar, de forma significativa, a relação entre os dois países vizinhos e os respetivos povos, fazendo desta situação, um dos últimos vestígios dessa guerra de nervos que separou os EUA da URSS.

Com a ajuda do Papa Francisco, o realismo e bom senso de Barack Obama e o pragmatismo de Raul Castro (atual Presidente de Cuba e irmão do carismático Fidel Castro), finalmente deram-se passos no bom sentido: o sentido do diálogo, da paz e da cooperação. Desta forma, poderão estar criadas as condições para terminar um dos mais antigos e injustificados conflitos ideológicos no mundo atual.

No entanto, neste mundo, nem tudo são boas notícias. Enquanto no continente americano, os países e os povos se aproximam, noutras paragens, a guerra, a barbárie e a desumanidade parecem não ter limites. Em África (Nigéria, Chade, Somália, Líbia e outros países), no próximo e médio oriente (Palestina, Síria, Iraque, Afeganistão, Iémen, entre outros locais) ou na Europa (Ucrânia), diariamente morrem centenas ou milhares de pessoas, enquanto muitas outras ficam sem família, sem casa, sem coisa alguma.

É fundamental que o mundo tenha líderes com humanismo e com força suficiente para impor a Paz no nosso planeta, nestes dias tão conturbados que vivemos. É uma utopia, a Paz global, todos sabemos. No entanto, a Paz é um dos direitos humanos mais básicos a que cada pessoa pode aspirar. Sem a Paz, qualquer outro direito humano fica comprometido.

Para terminar, deixo-vos aqui a ligação de Internet de um bom contributo para a Paz. É do Raul Solnado e chama-se «*A Guerra*». https://www.youtube.com/watch?v=Scon87C_zkU

A LIÇÃO AFRICANA!

O Prémio Nobel da Paz deste ano foi atribuído ao denominado «*Quarteto de Diálogo para a Tunísia*», organização que teve um papel fundamental no processo de democratização em curso naquele país do norte de África.

O «*Quarteto de Diálogo para a Tunísia*» envolve, desde 2013, quatro instituições da sociedade civil daquele país: o sindicato da União Geral dos Trabalhadores da Tunísia, a Confederação da Indústria, Comércio e Artesanato, a Liga dos Direitos Humanos da Tunísia e a Ordem Nacional dos Advogados.

Desde aquele momento fundador, esta organização desenvolveu a sua atividade promovendo o diálogo e a paz entre as diferentes forças políticas e religiosas da sociedade tunisina, no sentido de que a revolução ocorrida naquele país resultasse na instauração de uma democracia, o que tem vindo a ocorrer, com muitas dificuldades.

Este exemplo africano deve inspirar todo o mundo, pois demonstra a capacidade da sociedade civil e a força do diálogo na construção da liberdade e da democracia. Na realidade, nas grandes decisões que determinam o futuro dos povos e das nações, muitas vezes as sociedades e as suas instituições mais representativas demitem-se das suas responsabilidades e da sua capacidade de intervir.

A Tunísia é hoje, felizmente, um exemplo bem diferente, para melhor, daqueles que se verificaram noutros países árabes em que também eclodiram revoluções, no âmbito da chamada «*Primavera Árabe*», como foi o caso da Líbia ou do Egito, países que mergulharam em profundas crises políticas e guerras civis mais ou menos resolvidas.

Lá como cá, o diálogo é o instrumento mais importante na superação das crises. Só que lá, a sociedade civil não se limitou a assistir às «*brigas*» dos políticos: interveio e exigiu a estes que se entendessem e colocassem o superior interesse do país e do povo à frente dos seus interesses particulares.

E cá, como é? Existe sociedade civil com força suficiente para «*ajudar*» os políticos a entenderem-se?

A MENINA DA AMADORA...

Na última semana, numa habitação do Bairro do Zambujal, na cidade da Amadora, ocorreu uma tragédia: uma menina de 13 anos morreu, na sequência das queimaduras sofridas num incêndio que deflagrou na casa da sua família, na qual ela se encontrava, na companhia de outros quatro irmãos, de acordo com o que foi noticiado pela comunicação social.

Acontece que esta menina era a mais velha dos cinco irmãos e foi a responsável pelo salvamento dos seus quatro irmãos mais novos. Na realidade, a irmã mais velha foi dentro da casa em chamas, para retirar todos os seus irmãos, tendo conseguido colocá-los a salvo. Ao enfrentar uma última vez as chamas, na tentativa de salvar mais alguém, não conseguiu resistir ao fogo e acabou por morrer, apesar de ter sido assistida pelos meios e pessoal de socorro que, entretanto, havia chegado ao local.

Devo confessar que esta notícia me impressionou muito, pela sua natureza de uma tragédia envolvendo crianças e, principalmente, pela coragem e humanismo do gesto daquela menina de apenas 13 anos, para o qual não encontro palavras para descrever, tal foi a sua dimensão.

Naturalmente, nada do que se escrever ou disser, resgatará, da morte, aquela extraordinária menina que nos mostrou, no meio de uma enorme tragédia, o verdadeiro significado do amor e do altruísmo. Dar a vida, aos 13 anos, para salvar os seus quatro irmãos, é algo que nos toca profundamente e nos deve merecer um respeito enorme, pela humanidade da atitude.

Que esta menina que faleceu na Amadora descanse em paz e que o seu gesto possa ensinar-nos o valor da vida, do amor e da família e nos ajude a sermos tão bons, uns para os outros, quanto ela foi para os seus pequenos irmãos, que lhes devem a vida. Ao seguirmos a humanidade do seu exemplo, estaremos prestar a melhor homenagem à sua breve vida e ao seu, enorme e extraordinário, exemplo, como ser humano.

ALENTEJO, CONTRIBUINTE DE PORTUGAL?

Na última semana, no âmbito das minhas actividades políticas, como Presidente da Federação Distrital de Évora do Partido Socialista, tive oportunidade de visitar o Parque de Ciência e Tecnologia do Alentejo (PCTA) e a EMBRAER. Dois investimentos da maior importância, em Portugal e, em particular, na nossa região e decididos por governos do PS.

À semelhança das suas empresas, **centenas de pessoas (todas com elevados níveis de qualificação) encontraram emprego no PCTA e na EMBRAER e pagam, todos os meses, para o Estado, os seus impostos e efectuam os seus descontos para a Segurança Social.** É assim em Évora (PCTA+EMBRAER+...);

É assim em Sines (porto de águas profundas em grande desenvolvimento + nova Refinaria da GALP, um dos maiores exportadores actuais + centenas de empresas localizadas no perímetro industrial de Sines);

É assim nas Minas de Neves Corvo que os governos do PS muito ajudaram, para que não encerrassem e que hoje exportam e dão emprego a centenas de pessoas;

É assim no Alqueva, em todas as fileiras daquele empreendimento (a agricultura em grande expansão, a energia eléctrica, que viu duplicada a produção da central da EDP, o turismo, etc.). Alqueva que se edificou com decisões de governos do PS, em momentos em que ainda não era garantida a ajuda da União Europeia;

É assim em Vendas Novas e em Évora, em muitas das empresas de componentes para a indústria automóvel e aeronáutica, que não encerraram porque os governos do PS actuaram e permitiram que os seus trabalhadores, em Layoff, pudessem ser qualificados;

É assim em todo o Alentejo, em consequência da aposta aqui feita por governos do PS.

Se somarmos todos os impostos e os descontos pagos por todas estas empresas, e pelos seus trabalhadores tenho para mim que **o nosso Alentejo deposita mais dinheiro no Orçamento de Estado do que aquele que o Estado aqui gasta, neste momento.**

O Alentejo, nos dias de hoje, é um contribuinte líquido de Portugal. Não há qualquer problema nisso. O problema é que poderíamos contribuir muito mais se o actual governo investisse nesta região. Cada euro investido no Alentejo representa dois ou três euros que retornam a Portugal, emprego que é gerado e riqueza que aqui é produzida. É esta a receita para a crise!

O «MIRANDÊS» AMADEU FERREIRA ...

No passado dia 1 Março, faleceu Amadeu Ferreira, com 64 anos de idade.

Natural de Sendim (concelho de Miranda do Douro), jurista consagrado (era Vice Presidente da Comissão do Mercado de Valores Mobiliários), poeta e escritor, Amadeu Ferreira dedicou toda a sua vida à defesa, valorização e divulgação da língua mirandesa.

Amadeu Ferreira escreveu diversos livros e traduziu muitos outros para mirandês: Os Lusíadas, de Luís de Vaz de Camões; Mensagem, de Fernando Pessoa e algumas das aventuras de Asterix.

Segundo um texto do próprio Amadeu Ferreira publicado num blog de defesa da língua mirandesa (<http://studosmirandeses.blogs.sapo.pt/>), *“o mirandês, ou língua mirandesa, é o nome de uma língua falada no Nordeste de Portugal, já desde antes da fundação da nacionalidade portuguesa. Quanto à estrutura é uma língua românica, que teve a sua principal origem a partir do latim. Historicamente pertence à família de línguas asturo-leonesas, onde também se incluem o asturiano e o leonês (...) a língua mirandesa é falada em todas as aldeias do concelho de Miranda do Douro, com excepção de duas (Atenor e Teixeira) e em três aldeias do concelho de Vimioso (Vilar Seco, Angueira e Caçarelhos), no distrito de Bragança”*. O mirandês foi reconhecido como língua oficial (regional) de Portugal, através de lei aprovada, por unanimidade e aclamação, pela Assembleia da República, em 1998 (a lei n.º 7/99, publicada já em janeiro de 1999). Foi à defesa deste património que Amadeu Ferreira dedicou toda a sua vida.

Nestes dias que vamos vivendo, pessoas como Amadeu Ferreira e obras como a que ele edificou não são, normalmente, devidamente valorizados e divulgados. Mas, são extraordinários exemplos de luta pela defesa do que é genuinamente nosso: a nossa cultura, a nossa identidade e as nossas raízes.

Como Amadeu Ferreira certamente diria, devemo-nos inspirar nestes exemplos e, cada um de nós *bai a cuntinar l sou trabalho de lhuitar pula nuossa lhéngua i la nuossa cultura*.

O CANTE ALENTEJANO: ALMA DOS ALENTEJANOS, PATRIMÓNIO DE TODOS!

As frequências são muito próximas, o tom é grave, o ritmo lento ou moderadamente rápido (depende da geografia de origem), as palavras são ditas com o tempo necessário para serem saboreadas e escutadas como merecem e o ambiente que se cria é único.

Como sempre acontece, tudo passa pelas cordas vocais e sai pela boca. Mas a origem, aqui, é certamente, diferente. As poucas letras das poucas palavras foram criteriosamente escolhidas pela alma de quem viveu vidas difíceis, sacrificadas, tantas vezes injustas e quase sempre anónimas. Almas de gente simples, trabalhadora e boa. Cordas vocais de gente que se ergueu, sempre, contra uma natureza rude, um país longínquo e uma injustiça entranhada nas gerações de ontem e de amanhã.

Foi naquele cadinho que se forjou o cante do Alentejo. Respeito e admiração pela natureza, evocação do trabalho, janela do quotidiano, desencontros do amor ou posição política, a melodia da nossa alma faz parte de nós, porque o cante alentejano é o próprio Alentejo, em forma de som. Um som que nasce no sítio onde, em cada dia, nasce o Alentejo: a nossa alma!

Parabéns Alentejo!

AS CARTEIRAS RECHEADAS...

Depois das despesas do último Natal, e após a entrada em vigor de mais um Orçamento de Estado cheio de cortes e mais cortes e antecedendo o Orçamento Rectificativo que já aí vem, aumentando os cortes e alargando a base dos mesmos (apenas 3 dias durou a versão inicial do Orçamento de 2014), eis que os portugueses têm, neste início de ano, as suas carteiras completamente recheadas.

É verdade. Parece mentira, mas não é. Na realidade, se o leitor tiver a oportunidade de verificar (por exemplo, nas caixas dos supermercados), facilmente observará que as carteiras que se abrem estão a abarrotar e lá de dentro saem:

- o **cartão dos descontos em talão** do supermercado **A**;
- o **cartão dos descontos directos** do supermercado **B**;
- o **cartão dos descontos em combustível** da gasolinera **C**;
- o **cartão dos descontos em combustível** da gasolinera **D**, que acumula com o supermercado **E**;
- o **cartão de sócio do clube** **F**, que dá desconto nos supermercados **G** e na gasolinera **H**;
- o **cartão de funcionário da empresa** **I** que dá desconto na Farmácia **J** e nos supermercados **L e M** e na clínica **N**;
- o **cartão do restaurante** **O**, que acumula refeições e oferece uma, ao final da meia-dúzia;
- o **talão de desconto do cartão de crédito** **P** que acumula com as compras e dá para descontar nas redes **Q, R e S** de lojas de electrodomésticos e de informática;
- os **talões de desconto das marcas** **T e U** enviados para casa e que dão para utilizar em qualquer loja, na compra dos produtos respectivos;
- o **cartão da cadeia de lojas de material desportivo** **V** que dá 10% de desconto em talão;
- o **cartão de leitor da conhecida editora** **X**, que retira 5% em cada livro;
- o **cartão de pontos do centro comercial** **Z**, que vai acumulando tudo e, no fim, oferece uma entrada no cinema.

Como me dizia um amigo meu, em carteiras assim tão recheadas, não fica muito espaço disponível para colocar os conhecidos, mas muito auentes, euros...

CHARLIE HEBDO ...

O bárbaro assassinato de 17 pessoas em França é um acto inaceitável e que nos atirou contra uma parede. Na realidade, em Paris, três assassinos não se limitaram a ceifar a vida a 17 pessoas. Tentaram, deliberada e conscientemente, disparar sobre a Liberdade e, conseqüentemente, alvejar a Democracia.

Por muito que nós não queiramos assumir, está em marcha uma, nova e terrível, guerra, no mundo em que vivemos. Um conflito que opõe a Paz, a Humanidade, a Liberdade, a Democracia e o Direito a um conjunto de pessoas e de organizações dispersas pelo mundo que defendem uma sociedade em que aqueles valores não existem. Um conflito novo, onde não há um campo de batalha determinado, não existem exércitos organizados e não se conhecem os inimigos.

Os países democráticos são, no mundo, uma minoria e estão sob uma pressão enorme, perante esta nova realidade que vivemos. Por outro lado, são cada vez mais os territórios em que se vai instalando o caos político, a intolerância religiosa, a lei do mais forte e uma barbárie que nos faz re-crear séculos de civilização e que apaga qualquer direito humano da vida das pessoas.

Fome, medo, escravatura, guerra, ignorância, miséria e fanatismo são, hoje, traços de uma desumanidade que alastra pelo mundo e que convive connosco, parasitando, cobardemente, a Liberdade, minando a Democracia, corroendo o respeito pelas diferenças culturais, religiosas e étnicas e matando centenas ou milhares de pessoas, todos os dias.

Em Paris, dezassete concidadãos nossos pagaram, com a sua vida, o facto de serem livres e de concretizarem, através da sua profissão, a Liberdade que é de todos.

Em memória e homenageando os que tombam, em nome da Liberdade, nesta guerra intolerável, gostaria de desenhar o que sinto. Como não sei desenhar, escrevo:

Não nos vencerão!

DESCULPEM LÁ QUALQUER COISINHA...

Na última semana, dois membros do Governo (a Ministra da Justiça e o Ministro da Educação e Ciência) pediram desculpas aos portugueses, na sequência de decisões erradas que tomaram. No primeiro caso, o problema está no caos informático em que caíram os tribunais e todos os que, aí, trabalham, naquilo que um amigo meu chamava de «*buraco negro que engoliu toda a papelada e ninguém dá com ela*». No segundo caso, uma fórmula matemática com erros que deu cabo da vida de muitos professores que se candidataram a uma colocação, no presente ano lectivo e que provocou a demissão de um Director-Geral que conheço e que é um, excelente e dedicado, profissional e uma boa pessoa (o Professor Mário Pereira).

Devo dizer que acho muito bem que as pessoas peçam desculpas, quando prejudicam alguém, com as suas acções ou omissões. Só lhes fica bem e demonstra humildade e sinceridade.

O problema, no entanto, não está no pedido de desculpas, mas no que ele significa, do ponto de vista político. Na realidade, quem pediu as tais desculpas, negou, de forma consciente, deliberada e evasiva, durante tempo demais, os erros que todos já conheciam e haviam denunciado e que tanto prejuízo já tinham provocado a tanta gente. O pedido de desculpas apareceu no fim desta linha e assumiu-se não como um verdadeiro «*perdoa-me*», mas sim como uma derradeira manobra para «*salvar a pele*», como se diz na minha terra.

Assim sendo, quem nos pediu desculpas estava mais interessado em *safar-se* da situação do que propriamente com aqueles que foram prejudicados. Neste contexto, o pedido de desculpas não é um verdadeiro perdão. Não passou de um gesto mediático de auto-salvação política.

Por mim, neste caso, não aceito o pedido de desculpas dos dois Ministros.

ESPLENDOR ALENTEJANO...

No Alentejo, estamos na estação dos grandes «calores». As temperaturas, nestes dias que correm, andam pelos «trintas e tais» e, em alguns dos dias mais agrestes, chegam mesmo aos «quarentas». Tudo normal para quem aqui vive e se habituou a estios muito quentes e secos.

O Verão alentejano é um tempo de extremos, mas também de esplendor. Ao circularmos, ao longo do dia e da noite, pelas estradas desta nossa terra, de automóvel (sem a prisão das janelas fechadas imposta pelos ares condicionados) ou se preferirmos a mota ou a bicicleta, teremos a oportunidade de sentir, nos nossos sentidos, algumas das experiências mais extraordinárias que o Alentejo tem para nos oferecer, nestes dias e noites de Verão:

(i) o cheiro da terra quente, só possível de sentir nas tardes mesmo quentes e nos locais mais batidos pelo sol. Uma sensação que, aqui e ali, é interrompida pelo cheiro a água que sentimos, quando passamos pelas ribeiras onde ainda vamos encontrando os «pegos», onde antigamente o pessoal tomava o seu banho. Nestes locais, em que o quente dá o lugar ao fresco, sentem-se, muitas vezes, os aromas das ervas aromáticas que florescem nos corredores ripícolas;

(ii) o cheiro da palha que vem ter connosco, quando atravessamos os terrenos onde repousam os fardos recentemente cortados ou onde o restolho espera pelos rebanhos;

(iii) pelas noites calmas desta nossa região, todos os anteriores cheiros se acentuam e aparecem outros, em determinados locais, que nos levam para outras atividades humanas: o cheiro dos fornos de carvão que continuam a existir em muitas zonas próximas de algumas localidades e o leve aroma da lenha queimada com que algumas padarias, com fornos antigos, vão começando a *perfumar* a noite de algumas vilas e aldeias, deixando adivinhar o pão fresco e ainda quente, logo pela manhã. O tal pão quente que, antigamente, nós comíamos às fatias, com margarina e açúcar...;

(iv) Ainda nas noites calmas deste Verão magnífico, em certos locais, é possível escutar uma das mais extraordinárias orquestras da natureza:

a orquestra dos campos alentejanos: o coaxar das rãs, a estridulação dos grilos, o latido dos cães, o chocalhar dos rebanhos e, quando temos sorte, o piado de alguma coruja que viva próximo.

Estas são algumas das experiências únicas que pode sentir neste fantástico Alentejo!

TRAGÉDIA GREGA OU DEMOCRACIA EM ATENAS?

A vitória do partido político SYRISA, nas últimas eleições legislativas gregas, mostrou, a toda a Europa, quatro evidências que não podemos, nem devemos, ignorar:

1. **O povo é que mais ordena**, como é usual dizer-se em Democracia. Na realidade, nos regimes democráticos, por estranho que pareça, a muita gente muito importante e muito sábia destas coisas da política, a última palavra é sempre do povo e a sua decisão é sempre soberana. Por muitas pressões que se façam, por muitos directórios técnicos e políticos que se pronunciem (Comissões e Comissários, Conselhos e Conselheiros, Altos Representantes ou Troikas), a soberania e a dignidade de um país são o último reduto do seu povo. O que se passou na Grécia foi simplesmente um povo a defender a sua dignidade e a sua soberania, através da concretização mais essencial da Democracia nascida em Atenas, já lá vão cerca de 2500 anos. Mesmo que isso resulte numa verdadeira tragédia grega;
2. **Daqui para a frente, nada ficará igual**. De facto, as eleições gregas determinaram a emergência de um novo governo, com uma nova política e com uma legitimação democrática inquestionável. E, se o governo grego presta contas, em primeiro lugar, ao seu povo, deverá, em simultâneo, honrar os compromissos internacionais do estado grego. Esta realidade, simples mudou, inevitavelmente, a situação política na Grécia e na União Europeia;
3. É fundamental, agora, que exista **bom senso de todas as partes para que tudo corra o melhor possível para todos**: gregos e europeus. É fundamental que a Grécia mostre vontade de cumprir os seus compromissos, ao mesmo tempo que é determinada e dura na negociação das melhores condições para os poder cumprir. Por outro lado, é elementar que as instituições e os políticos europeus sejam determinados a exigir o cumprimento dos compromissos do estado grego, ao mesmo tempo que criam as melhores condições para que o povo grego possa '*respirar*' um pouco. Por outras palavras, todos devem ajudar a Grécia a pagar as suas dívidas, sem que isso seja sinónimo de continuação do

empobrecimento e da humilhação dos gregos;

4. E nós, portugueses, que devemos aprender com o 'caso grego'? **Devemos aprender as 3 anteriores lições: (i) o povo é sempre quem tem a palavra decisiva; (ii) os governos e os políticos portugueses devem defender, sempre, Portugal e o seu povo; (iii) o estado português deve honrar os seus compromissos, enquanto é determinado e firme na negociação das melhores condições para os cumprir. Será que estamos a aprender da melhor forma?**

AS DIFERENÇAS DOS MAIS FRACOS E AS SENTENÇAS DOS MAIS FORTES...

De acordo com o texto publicado no jornal online «Observador», *“27 de Janeiro é o Dia Internacional de Memória do Holocausto, consagrado pelas Nações Unidas. Tudo porque foi num 27 de Janeiro, o de 1945, há exactamente 70 anos, que o Exército Vermelho abriu as portas dos campos de concentração e extermínio de Auschwitz e descobriu o inimaginável.”*

O que aconteceu na segunda guerra mundial, nos campos de concentração controlados pelos alemães nazis, foi uma das páginas mais negras da história da humanidade. Milhões de pessoas foram barbaramente assassinadas apenas devido ao facto de serem «diferentes» e, consequentemente, «inferiores» a alguns que se julgavam «distintos» e, portanto, «superiores» aos seus semelhantes: diferenças na cor da pele, na crença religiosa, nas tradições da etnia, nas convicções religiosas, na opção política, na orientação sexual ou, simplesmente, sem qualquer razão foram critério para decidir a morte.

Hoje, como no passado mais longínquo ou mais recente, estas e outras «diferenças» continuam a ser critério para matar e discriminar pessoas, em todas as geografias do nosso mundo. Todos os dias morrem pessoas devido às suas «diferenças» relativamente a quem as mata. Outras são tratadas de forma diferente, alvo de profundas discriminações e privadas da sua liberdade e dos seus direitos humanos. Prevalece, hoje como ontem, a lei do mais forte. Foi e é sempre o mais forte quem estabelece a diferença e a atribui ao mais fraco.

A magnitude do horror talvez não se compare ao que se verificou, entre 1940 e 1945. Mas a essência e a natureza das coisas continuam tão vivas como estavam naquela altura, já lá vão 70 anos...

HUMBERTO DELGADO...

Há 50 anos, o General Humberto Delgado foi assassinado. O principal motivo do crime consistiu no fato deste português ter ideias diferentes das do regime vigente e de as ter defendido publicamente, tendo sido, inclusivamente, candidato à Presidência da República, em 1958. Conforme relatos da época, uma gigantesca fraude eleitoral impediu a sua vitória e, conseqüentemente, o fim da ditadura salazarista.

Era assim, naquela altura. Quem ousava discordar das 'ideias oficiais' corria sempre um risco e, normalmente, pagava um preço. Muitos milhares de portugueses foram perseguidos, deliberadamente prejudicados nas suas vidas pessoal e profissional, presos, torturados, deportados e, em muitos casos, assassinados.

Humberto Delgado simboliza a coragem dos que não vacilam perante o medo, não se submetem ao despotismo, não se demitem de pensar com a sua cabeça, não se transformam em invertebrados perante as ameaças e, perante todos os riscos, preferem ser autênticos e livres. Mesmo sabendo que, muitas vezes, as lutas que se travam são muito desiguais, os preços a pagar são perpétuos e duros e o isolamento e a solidão são, quase sempre, o resultado final dessa caminhada.

Nos dias que vivemos, por paradoxal que pareça, mantêm-se vivos os (maus) princípios e valores que ditaram o, triste, fim de Humberto Delgado. Aqui e ali, ainda que de forma mais subtil e dissimulada, continuam a existir as *ideias oficiais dos pensadores oficiais*, os *vigilantes* das mesmas, os *sinalizadores* e *controladores* dos desvios, os *preços a pagar pelas dissonâncias* e os *respetivos cobradores* e as conseqüências pessoais e profissionais decorrentes do exercício da liberdade e da autodeterminação moral e pessoal.

Mas, hoje como ontem, o mundo avança pelo exemplo dos que resistem e lutam pela Liberdade. Mataram Humberto Delgado, mas nunca conseguiram matar o seu exemplo, a sua luta, a sua alma e o seu testemunho de integridade e de humanidade.

Hoje como ontem, não é o medo que comanda a nossa vida, mas sim a Liberdade!

LIBERDADE

LIVRE, quando penso sem medo do que penso;
LIVRE, quando falo sem medo do que digo;
LIVRE, quando faço aquilo que, livremente, pensei e falei;
LIVRE, quando outros pensam livremente;
LIVRE, quando escuto o que outro diz;
LIVRE, quando encontramos outros pensamentos;
LIVRES, quando encontramos outras palavras;
LIVRES, quando nos libertamos dos pensamentos e das opiniões;
LIVRES, quando somos capazes de dizer diferente do que pensámos;
LIVRES, quando somos capazes de fazer diferente do que dissemos;
LIVRES, quando fazemos novo;
LIVRES, quando não estamos sós;
LIVRES, porque somos nós;
LIVRE, por continuo eu!

* Escrito no dia 25 de Abril de 2015.

MEDITERRÂNEO...

Nos últimos tempos, no Mediterrâneo, assiste-se a uma das mais lamentáveis e inaceitáveis páginas da nossa história contemporânea. Milhares de mulheres e de homens oriundos do continente africano tentam, de forma desesperada, entrar no continente europeu. Através de terra ou de mar, saltando as protecções fronteiriças ou navegando em barcos superlotados e em condições terríveis, milhares de pessoas tentam ter uma oportunidade na sua vida, numa terra que lhas ofereça. Em todo este drama, são muitos os que perdem a vida, durante esta perigosa viagem.

O drama do Mediterrâneo chega-nos a casa, durante os telejornais, através de imagens fortes, nas quais vemos, quase sempre, tragédias inauditas: muitos não aguentam a viagem e morrem de esgotamento físico e de doenças; milhares morrem afogados, em resultado dos naufrágios das embarcações que os transportavam; outros são assassinados pelos «negociantes» destas pessoas. A escala desta tragédia é enorme e tem tendência, infelizmente, para aumentar.

Esta realidade é, no mundo actual, um dos maiores desafios que a humanidade tem pela frente. Um desafio que se coloca pela diferença, enorme, que existe entre as condições de vida de seres humanos que vivem em geografias diferentes, neste nosso planeta. De facto, quando pensamos que milhões de pessoas vivem sem alimentos, sem água, sem paz, sem direitos, sem educação, sem cuidados de saúde, sem qualquer coisa que confira um mínimo de humanidade à sua condição pessoal, então facilmente percebemos porque razão tantas pessoas, sabendo os riscos que correm, optam por tentar tudo para chegar à Europa.

Não será fácil nem rápido resolver este problema. Mas, todos concordaremos que a melhor solução será criar condições mínimas de vida para todos os seres humanos, nas suas terras de origem, conferindo dignidade e humanidade às suas existências, nesses locais.

O nosso José Saramago, agraciado com o Prémio Nobel da Literatura em 1998, referiu, na cerimónia em que recebeu esta distinção, que “***neste meio século não parece que os governos tenham feito pelos direitos humanos tudo aquilo a que moralmente estavam obrigados. As injustiças***

multiplicam-se, as desigualdades agravam-se, a ignorância cresce, a miséria alastra. A mesma esquizofrênica humanidade, capaz de enviar instrumentos a um planeta para estudar a composição das suas rochas, assiste indiferente à morte de milhões de pessoas pela fome. Chega-se mais facilmente a Marte do que ao nosso próprio semelhante”.

Concordo com ele.

Na Europa, em 2014, rejubilámos com a «aterragem» de uma sonda num cometa, enquanto ignoramos os que ficam, diariamente, sepultados nas águas do Mediterrâneo.

MELROS OU ABELHAS?

Num dia da passada semana, nas instalações da Junta de Freguesia do Feijó, participei numa Assembleia-Geral do CEDA/Centro de Estudos Documentais do Alentejo, instituição de que sou sócio e membro dos órgãos sociais. Durante a reunião, houve a oportunidade de, escutando-nos mutuamente, conhecermos um pouco da realidade alentejana, nas suas diferentes geografias, perspetivas e olhares. Houve, no entanto, um contributo que não pude deixar de reter, tal foi a sua clareza.

Um dos sócios do CEDA, oriundo da *Margem Esquerda do Guadiana*, mais propriamente do Pomarão, concelho de Mértola, a propósito do fenómeno do despovoamento, que ali se sente, de forma dramática, explicava que as pequenas povoações daquele concelho do Baixo Alentejo já quase não têm ninguém, sendo que, a par do desaparecimento das pessoas, está a ocorrer um, rápido, processo de desertificação do território, como consequência da, crónica, falta de água.

A dado passo, para ilustrar aquilo que nos transmitia, o nosso colega apresentou-nos duas situações que ilustravam, segundo ele, o grau em que o despovoamento e a desertificação da margem esquerda estavam a acontecer:

- i) relativamente às associações locais, indicou-nos que estas estavam em forte declínio, em consequência do facto de não haver pessoas a residir nas aldeias e vilas da maior parte do Alentejo, particularmente naquela zona. Esta realidade, segundo aquele colega, está a colocar em perigo a dimensão cultural local, fortemente enraizada nas instituições locais e na sua transmissão, através de processos não escolares de aprendizagem, que tenderão a extinguir-se, com o desaparecimento das pessoas;
- ii) por outro lado, referindo-se a questões mais relacionadas com a dimensão ambiental, fez questão de nos indicar que os melros da sua terra haviam emigrado para as zonas urbanas do litoral, locais onde podem encontrar a água e a comida que escasseavam nas suas zonas de origem, enquanto as, poucas, abelhas ainda existentes na sua terra estavam a entrar, cada vez mais, nas casas das, poucas, pessoas que ainda lá vivem, para, ali, encontrarem alguma água para sobreviverem;

Esta é, infelizmente, uma realidade que acontece, de forma inexorável, ao longo de todo o Alentejo, particularmente nas zonas mais rurais, mais próximas da raia e mais longe da albufeira do Alqueva, que é, hoje, uma autêntica ilha verde na nossa região. Uma realidade que nos convoca para o maior desafio de sempre do Alentejo: a demografia.

O Alentejo perde, todos os meses, cerca de 210 pessoas (4 autocarros cheios). É assim, nas últimas décadas. Somos cada vez menos e cada vez mais velhos. Assim, não teremos futuro. Os melros já perceberam isso e foram-se embora. As abelhas continuam a resistir e decidiram ficar, por enquanto, na sua terra!

E nós, alentejanos/as? Seremos melros ou abelhas?

MEMÓRIA E HUMANIDADE, POR FAVOR...

Nos últimos tempos, é já a segunda vez que escrevo sobre a tragédia que está a ocorrer no Mediterrâneo. Neste mar, milhares de pessoas encontram a morte, quando tentam alcançar a Europa, vindos dos quatro cantos da África e do próximo e médio oriente. Escrevo, novamente, porque a atitude dos responsáveis políticos da União Europeia é, na minha opinião, errada e condenável.

Numa das últimas reuniões realizadas para discutir este problema, os governantes europeus indicaram que, uma das principais respostas para atacar a imigração clandestina e o tráfico de seres humanos que estão na sua origem, seria afundar os barcos em que estas pessoas são colocadas e abandonadas, em pleno mar. Esta «*luminosa*» ideia – na mente, fria e desprovida de humanidade, de políticos sem qualquer sensibilidade humana para o drama daquelas pessoas, nas quais se incluem muitas crianças – resolveria o problema. O problema deles, maus políticos, claro está. Porque o problema dos imigrantes não só não se resolveria, como ficaria ainda pior, uma vez que os mafiosos que gerem este rentável «*negócio*», certamente abandonariam a sua «*mercadoria*» à sua sorte, nos países africanos banhados pelo Mediterrâneo e por onde passa esta «*migração*». Pior que isto, deve ser difícil...

Por outras palavras, os nossos, infelizes, líderes europeus – em vez de tentarem, de forma organizada e solidária, salvarem os desgraçados que são alvo de todos os crimes e que apenas fogem da morte e da miséria – o que lhes oferecem é o afundamento dos barcos que são a única esperança que têm de sair da sua, terrível, circunstância.

E se tivessem feito o mesmo aos portugueses que «*saltavam*» para a França, a Suíça, a Alemanha e outros países europeus, no século passado? E se tivessem feito o mesmo aos irlandeses, ingleses, italianos e tantos outros que saíram, aos milhares, para os Estados Unidos, no início do século passado? E se fizessem o mesmo aos portugueses que foram para Angola e Moçambique, nos últimos anos? E se os emigrantes que vivem na Europa, um dia, decidissem todos saírem para as suas terras de origem? Ficávamos cá com quem?

Tenham juízo, salvem as pessoas e dêem-lhes o que elas procuram: uma oportunidade de poderem viver, alimentar-se, dar condições às suas famílias e serem felizes.

Num mundo com Humanidade e Solidariedade, não se deitam as pontes abaixo, nem se afundam os barcos. Constroem-se pontes e recebem-se bem todos os navegantes, principalmente os que chegam em pior estado.

Políticos da União Europeia: tenham juízo e, principalmente, VERGONHA!

O CAMINHO É PARA A FRENTE!

Depois de umas eleições legislativas e mais de 50 dias de expectativa, de um governo que não chegou a sê-lo, de muitas reuniões entre o Presidente da República e muitas instituições e personalidades e de muitas hesitações, Portugal tem, finalmente, um Governo que parece ter reunidas as condições para governar. Nos tempos que correm, não é de menosprezar...

Assim sendo, o que se exige ao atual governo é que governe e bem, de preferência. À atual oposição parlamentar, pede-se que seja competente, no seu papel de fiscalização e escrutínio da ação governativa e de construção de uma alternativa credível. Aos Presidentes da República e da Assembleia da República, agradece-se uma postura mais institucional e de concertação e de construção de consensos. Aos parlamentares, exige-se uma postura de responsabilidade e compromisso, na defesa das populações que os elegeram, na sua ação legislativa e de fiscalização do Governo. Por outras palavras, o que todos os portugueses pedem aos nossos responsáveis políticos é trabalho sério e dedicado, sempre na defesa do interesse nacional e focado na resolução dos problemas das pessoas, suas famílias e empresas.

Portugal tem vivido momentos muito duros, em consequência do processo de ajustamento financeiro que tem vindo a fazer, após o plano de resgate a que foi sujeito. O caminho ainda não terminou e qualquer passo em falso ditará um recuo inadmissível, porque injusto e penalizador. Penso que todos concordaremos que poderá ser possível (ainda que muito difícil) realizar um equilíbrio justo entre o rigor financeiro, que permita ter as contas do país em dia e alguma folga orçamental, que permita que as pessoas possam viver um pouco melhor. Foi isso que foi prometido e é isso que será avaliado.

No presente, o melhor caminho é andarmos para a frente e tudo fazermos para termos o passo certo e não deixarmos ninguém para trás. O povo, quando voltar às urnas (seja lá quando for), avaliará o caminho percorrido e fará o seu juízo de valor, como sempre aconteceu. É assim, a Democracia!

O GRITO NO LE BATACLAN...

Na passa sexta-feira, jantei por volta das 21h e, após a refeição e como é habitual, fui até ao escritório, para responder ao correio eletrónico e espreitar as notícias do dia na internet. Ao ligar o computador, fiquei a saber da tragédia que acontecia, em tempo real, em Paris.

Quando me consegui sintonizar numa estação de televisão, estavam a chegar imagens em direto de Paris, nomeadamente do que se passava junto a uma sala de espetáculos denominada *Le Bataclan*, na qual várias pessoas estavam reféns de alguém que se encontrava armado. As imagens estavam algo desfocadas, viam-se muitas luzes de socorro intermitentes e os comentadores tentavam explicar o caos que se passava. No meio da confusão, surge um grito lancinante, oriundo do interior do edifício. Todos se calaram, uns dois segundos, com aquele grito...

Naquele momento concreto, uma pessoa que nunca conheceremos – feita refém por alguém que lhe retirou a liberdade e que a violentou (talvez a tenha assassinado, naquele momento) – gritava. Gritava de medo, de desespero, de dor, de raiva ou de revolta. Gritava, talvez, pela última vez, despedindo-se, contra sua vontade, da sua vida. Aquele grito nunca deveria ter assistido, porque, naquela noite, aquela pessoa não tinha decidido gritar. Tinha decidido ir a um espetáculo, para se divertir, certamente. Não para gritar de medo ou de dor e muito menos para ser assassinada!

Na tranquilidade e silêncio do meu escritório e a milhares de quilómetros de Paris, escutei o grito daquela pessoa e aquele sinal de desespero entrou dentro de mim e sei que nunca dele me esquecerei. Pensei que ninguém deve ir a um espetáculo e ser obrigado a gritar de medo ou a ser assassinado.

Por último e para que não nos confundamos: os que mataram em França são os mesmos que matam nos países de onde fogem os refugiados que chegam à Europa. É deste horror que aquelas pessoas fogem. Devemos ajudá-las. São aqueles horrores que devemos combater, para preservarmos o bem mais precioso que há no mundo: a paz e a liberdade.

Este foi o meu grito, naquela noite de sexta-feira, 13 de Novembro de 2015, a noite em que alguém gritou dentro do *Le Bataclan*.

O PAPA FRANCISCO...

No dia 13 de Março de 2013 (há um ano), em Roma, no Vaticano, algumas horas depois de ter saído fumo branco da chaminé da Capela Sistina, o Cardeal argentino Jorge Bergoglio aparecia à multidão, como sucessor de Bento XVI. Estava encontrado o novo líder da Igreja Católica: **o Papa Francisco**.

Devo confessar que as palavras que o Papa proferiu naquela noite me sensibilizaram, pela sua humildade e simplicidade. A mim e a muitos milhões, em todo o mundo, que o ouvimos e vimos, através da comunicação social.

Desde esse momento, até ao presente, Francisco não tem parado de surpreender o mundo, pelos seus pequenos, mas altamente simbólicos, gestos: os telefonemas para cidadãos simples, os cumprimentos inesperados, a forma como lidou com o menino que se sentou na sua cadeira numa cerimónia, a dispensa dos luxos e das mordomias, a questão que faz em estar junto das pessoas e em as escutar e muitas outras situações em que, pedagogicamente, indica o caminho da sua instituição.

Mas, o que mais me tem impressionado é a sua expressão onde se consegue encontrar, sempre, um sorriso tranquilo e genuíno que só mesmo as pessoas simples e genuínas conseguem ter, de forma sincera e verdadeira. Se as suas palavras são poderosas e chegam a muitas almas, aquele sorriso simples e humilde toca muitas mais, incluindo as que não professam qualquer fé, mas que não são imunes à bondade e à simplicidade com que se defendem valores comuns a todos os seres humanos.

Uns dizem que é assim, porque o Papa é originário da América do Sul; outros dizem que se deve ao facto de ser Jesuíta; há, ainda, quem defenda que tudo se deve a uma estratégia de marketing e comunicação muito bem desenhada e melhor concretizada. Não sei o que será. Pode ser um pouco disso tudo ou não ser nada disso.

Uma coisa sinto eu: o Papa é uma pessoa BOA e isso sente-se no seu olhar e nos seus gestos. E, quando nós comparamos este líder (a sua expressão, as suas palavras e os seus gestos) com outros líderes que vão governando o nosso mundo e o nosso país...até nos apetece dizer: valha-nos Deus!

DIÁRIO DO SUL, COM OS PÉS BEM ASSENTES NA TERRA!

O Diário do SUL nasceu em 1969, aqui, no Alentejo, a nossa terra. Foi um grande passo para uma família (Piçarra), uma obra enorme numa região esquecida (Alentejo) e um desafio grande num país (Portugal), pouco dado a pessoas com espírito empreendedor e livres e independentes no pensamento e na acção.

Desde essa data, o Diário do SUL tornou-se uma presença incontornável na vida diária dos alentejanos, uma voz sempre activa na defesa dos interesses do Alentejo e um exemplo de comunicação construído pela positiva, com base no respeito pelas pessoas e instituições e recusando o jornalismo de faca e alguidar.

Quarenta e seis anos depois, o Diário do SUL cresceu e a ele se juntaram a Rádio Telefonía do Alentejo, a Diário do SUL TV e os formatos digitais na Web e nas redes sociais. O jornal, esse, continua fiel à sua linha de sempre e está todos os dias de manhã, na caixa do correio de milhares de alentejanos, que continuam a sentir o cheiro da tinta e o prazer de passar, nos seus dedos, as folhas de papel que contam as notícias de todo o Alentejo.

A Nota do Dia chama-nos sempre à vida real. As notícias dos correspondentes falam-nos dos acontecimentos da aldeia ou da vila. Os textos de opinião acolhem, com liberdade, toda a geografia política e social. Sabe-se, sempre, onde ocorrerão os próximos bailes e festas, ao mesmo tempo que temos conhecimento daqueles que nos deixam para sempre. Um jornal de família: a nossa grande família eborense e alentejana.

Naquele ano de 1969, o americano Neil Armstrong foi o primeiro ser humano a pisar a Lua, num momento histórico a que o mundo inteiro assistiu. Quando colocou a sua bota no solo lunar, Armstrong terá dito “*Um pequeno passo para um homem, um salto gigantesco para a humanidade*”. Provavelmente, o Diário do SUL noticiou esse acontecimento nessa data.

O mundo mudou muito, desde então. Entre outras coisas, deixámos de ir à Lua. No entanto, por aqui, no nosso *planeta alentejano*, continuamos a receber o Diário do SUL todos os dias. Com os pés bem assentes na Terra!

Parabéns pelo 46º aniversário do jornal e votos de muitas felicidades para a família Piçarra, o Grupo Diário do Sul e todos os seus colaboradores.

*(com Lurdes Pratas Nico)

POLÍTICA ALENTEJANA...

No passado mês de Março, participei, na Direção Regional de Cultura do Alentejo, numa iniciativa denominada «*Cultura Política, Políticas de Cultura*», convite da responsável daquela instituição, Dra. Ana Paula Amendoeira.

Tive oportunidade de partilhar alguns pensamentos que fui construindo acerca da cultura do e no Alentejo e do papel, social, económico e político que pode e deve assumir na nossa região. Fiz questão de realçar a riqueza do património alentejano, nas suas dimensões material e imaterial e o papel que assume na construção, valorização e divulgação da identidade do território, da sociedade e da história alentejanos.

Penso que é consensual, em todos os quadrantes políticos, a convicção de que, neste território – em que a geografia e o tipo de povoamento isolaram as comunidades e onde, muitas vezes ao longo da história, a economia local e a política contribuíram para acentuar algumas das singularidades territoriais – **existe algo que, unindo-nos a todos, enquanto alentejanos, contribuiu, ao longo das gerações, para a edificação desta identidade, única e extraordinária, que é a nossa.**

Há algo que une todos/as os/as alentejanos/as: **na literatura** dos que sabem e dos nunca souberam ler e escrever; **na arquitetura e na construção tradicionais** ou nas escolas técnicas de renome; **nas expressões artísticas** de matriz popular ou nos centros artísticos das academias ou das companhias profissionais; **nos ofícios e nas profissões, nas tradições comunitárias ou na gastronomia.** Mas, também, **na genética** das variedades de plantas e nas raças de animais autóctones e desenvolvida e apurada, ao longo de centenas de anos; **na ciência e na tecnologia** de vanguarda que hoje se enraízam nas atividades económicas que conhecem um novo impulso e nos projetam para o futuro; **no património histórico** edificado por aqueles que nos antecederam.

O Alentejo construiu, preservou, valorizou e irradiou uma cultura extraordinária que, no presente, é um dos seus principais ativos económicos e sociais, com um potencial fabuloso, quando é associado a uma paisagem única, um ambiente ainda preservado e uma segurança e tranquilidade ímpares no mundo em que vivemos.

Estes são alguns traços da nossa cultura que serão, certamente, consensuais para a grande maioria dos/as alentejanos/as. É aqui que entra a **necessidade de uma «cultura política» que não divida aquilo que a história uniu e não desvalorize o que o tempo valorizou**. Em cima das nossas, naturais e ricas, diferenças, **temos o dever de continuar a construir este, único e extraordinário, projeto chamado Alentejo**.

A «cultura política» que defendo e pratico é a que une, valoriza e potencia as diferenças, na forte convicção de que todos, na nossa coordenada singular, **não nos devemos combater para nos diminuirmos uns aos outros, mas devemos travar um combate para – aproveitando os melhores contributos de cada proposta política – promovermos o desenvolvimento da nossa terra e a qualidade de vida e a felicidade das pessoas que vivem e trabalham no Alentejo**.

«Cultura Política» no Alentejo é continuar a construir o Alentejo, na sua, rica e incontornável, diversidade.

POLÍTICA BOA, VERDADEIRA, SINCERA, LEAL E JUSTA: EXIGE-SE!

A Política é a mais nobre de todas as atividades humanas, porque é através da atividade política que os homens e as mulheres se autodeterminam e, dessa forma, decidem, em consciência e independência, o rumo a dar às suas vidas individual e coletiva. É através da política que, quando concretizada de forma democrática e inspirada nos ideais republicanos, os cidadãos escolhem, de entre os seus pares, aqueles(as) que os representarão nas instituições que têm a responsabilidade de governar a coisa pública. Sempre no pressuposto de que o exercício das responsabilidades políticas deverá ser transitória, permitindo a alternância entre as diferentes propostas políticas e os diversos protagonistas que as defendem e concretizam.

É neste entendimento da política que defendo que os/as políticos/as deverão ser pessoas referenciais, no plano ético e moral. Partindo do pressuposto de que não há pessoas perfeitas, os políticos devem reunir requisitos mínimos em determinados traços da sua ética e moral pessoais. Requisitos mínimos, na observação de valores e princípios como a Bondade, a Verdade, a Lealdade, a Justiça e o Respeito. Por outras palavras, os/as políticos/as devem ser bons e justos, nas decisões que tomam; leais e frontais para com os seus adversários e correligionários; verdadeiros e respeitadores para com as pessoas e respetivas opiniões, independentemente das suas posições políticas e ideológicas.

Sempre participei na atividade política, ao longo da minha vida, nas qualidades de eleitor e eleito. Como candidato, disputei muitas eleições e, nestas, foram mais as vezes que perdi do que aquelas em que venci. Em alguns momentos, fui escolhido para representar os meus concidadãos: desde a freguesia em que resido ao parlamento do nosso país. Em todos os momentos em que participei, tentei cumprir aqueles requisitos éticos e morais que apresentei anteriormente e que sempre foram os faróis pelos quais me guiei.

Após estas últimas eleições legislativas, os tempos que se avizinham, para Portugal, vão ser extremamente exigentes e convocam, dos nossos representantes políticos, grande responsabilidade e sentido de estado, no sentido de garantirem de que o nosso país pode ser governado e que os

portugueses não vão ver a sua vida prejudicada pela incapacidade dos políticos construírem compromissos que salvaguardem os seus interesses e os do seu país. Estamos, pois, perante uma realidade complexa e exigente que reclama, na Política, a concretização dos valores da Bondade, da Verdade, da Lealdade, da Justiça e do Respeito.

Com estas eleições e com a instalação do novo parlamento, termina o meu mandato como Deputado à Assembleia da República, onde representei o círculo eleitoral de Évora, pelo Partido Socialista, durante 8 anos. À semelhança do que aconteceu nas últimas duas eleições legislativas, o nosso distrito continuará a ser representado por deputados do Partido Socialista (Luís Capoulas Santos), Partido Social Democrata (António Costa da Silva) e Partido Comunista Português (João Oliveira). Sou amigo dos três eleitos e deles tenho a melhor consideração e opinião. São pessoas competentes e sérias. Não duvido que defenderão as nossas terras e as nossas gentes, de acordo com as suas propostas políticas. Desejo-lhes bom trabalho para esta próxima legislatura.

SILVANO SIMÕES...

Há 40 anos que participo, ativamente, na política. Com apenas 10 anos de idade, acompanhei o meu, saudoso e inesquecível, amigo Silvano Simões, militante do Partido Socialista, desde as primeiras horas, nas acções da campanha eleitoral, em São Miguel de Machede, no âmbito das primeiras eleições legislativas realizadas no dia 25 de Abril de 1975. Naquele tempo, os cartazes da propaganda espetavam-se nas paredes com pregos e faziam-se comícios com salas cheias de pessoas curiosas e ávidas de participar.

O Silvano era um dos sapateiros da nossa freguesia e tinha, também, um pequeno ponto de venda de mobílias e de pequenos eletrodomésticos. A sua loja, situada na Rua de Évora da nossa vila, estava sempre aberta e era muito frequentada por muitas pessoas que, com ou sem negócio a fazer, por ali passavam e ali se sentavam a falar de tudo e mais alguma coisa. A pequena sala tinha o posto de trabalho e mais uns três ou quatro pequenos bancos. Entre um par de meias solas nuns sapatos domingueiros ou umas cardas e protetores numas botas caneleiras do trabalho, falava-se de tudo, principalmente da política.

Lembro-me, também, dos serões que passei na casa do Silvano, com o meu pai e outros amigos deles, em redor do lume de chão. Lia-se o jornal do dia e discutiam-se as leituras pela noite fora. Foi nestas «*escolas*» e com estes «*professores*» que me fui formando, politicamente. Nunca o esquecerei.

Numa época em que a política suscitava fortes paixões na nossa terra e colocava o sangue à flor da pele a muitos de nós, o Silvano vivia a política de forma muito intensa e isso contagiava-me. A sua habitação, localizada na mesma rua, um pouco mais abaixo, junto a uma das curvas mais difíceis da EN 254 (que passava, na altura, pela nossa terra), era a sede do PS local. No protecção de madeira do seu pequeno postigo, estava sempre um auto-colante do PS, devidamente visível para quem quer que passasse na rua.

O Silvano já não está na nossa companhia, há uns anos, mas deixou-nos, muitas e boas, recordações e, principalmente, o seu exemplo, dedicado, comprometido e genuíno, de participação política; as coragem e tenacidade na defesa dos seus ideais, numa época difícil, para quem era socialista

no Alentejo; as disponibilidade e resiliência de estar, quase sempre, na oposição sem nunca desfalecer na convicção de que os seus argumentos haveriam de prevalecer; os desprendimento e humildade de quem nunca se serviu da política e quase sempre pagou (e muito) para nela participar.

O exemplo do Silvano Simões (e de muitos/as outros/as que lutaram pelos seus ideais e valores, desta forma simples, desprendida e anónima) é uma daquelas lições de vida a que, frequentemente, recorro para me revigorar e ganhar energia para continuar a minha atividade cívica e política, numa época em que estes exemplos, infelizmente, são menos frequentes e pouco valorizados.

ZIGUE-ZAGUE OU ZAGUE-ZIGUE?

Sou consumidor compulsivo de jornais, nas versões em papel e digital. Leio todas as notícias, sublinho as partes que mais me interessam, faço setas a chamar a atenção para alguns aspetos e, em alguns casos, recorto coisas importantes.

A grande quantidade de jornais, em papel, que vou acumulando faz com que deixe, para posterior leitura, alguns exemplares, em particular as revistas. De longe em longe, lanço-me na empreitada de ler os exemplares atrasados, para limpar a prateleira...

Na última semana, ocorreu uma dessas limpezas. Li alguns exemplares que tinha acumulado desde Maio de 2015. Foi uma leitura muito interessante e divertida, atendendo aos seguintes aspetos:

1. As opiniões políticas dos colunistas foram mudando, à medida que as sondagens relativas às eleições legislativas se iam alterando, ao longo das semanas e dos meses;
2. Muitos dos colunistas elogiavam e a evidenciavam as qualidades políticas dos líderes dos partidos, quando estes estavam na frente das sondagens (em Maio/Junho). Depois, quando estes partidos caíram nas sondagens, os mesmos colunistas começaram a evidenciar os defeitos e as incompetências políticas daqueles mesmos líderes. Quando as sondagens se confirmaram e os tais líderes perderam as eleições, os mesmos colunistas pediram a demissão dos líderes derrotados. Agora, nas edições mais recentes, com os tais partidos no governo, os colunistas elogiam a capacidade política e negocial dos tais líderes de quem tinham *pedido a cabeça*, apenas há dois meses atrás...

Penso que a maior parte da opinião publicada na comunicação social é do tipo ZIGUE-ZAGUE, ou, como dizia um conhecido meu: ZAGUE-ZIGUE.

Claro está que me fui divertindo bastante, durante as leituras atrasadas...

OBAMA, FUTURO LÍDER DA UNIÃO EUROPEIA?

Barak Obama está de saída da presidência dos Estados Unidos da América (EUA), cargo para o qual foi eleito em 2008 e reeleito em 2012.

Nestes últimos dias, o presidente norte-americano visitou alguns países africanos, nomeadamente o Quênia, local de origem do seu pai. Sem nunca esconder as suas origens (muito pelo contrário), Obama fez humor com essa sua circunstância, manifestou apoio aos responsáveis daquele país, na luta contra os terroristas, e pronunciou-se pela defesa da liberdade sexual de todos os seres humanos, sabendo que, no Quênia, os homossexuais são vítimas de discriminação legal e social.

Barak Obama, como todos nós, não é um ser humano perfeito, mas é, seguramente, um bom ser humano. Naturalmente que ser líder do país mais poderoso do mundo requer sempre uma certa atitude e comportamento militares, realidade que decorre do facto de os EUA serem, na atualidade, o único país democrático com capacidade militar mundial e com vontade de a usar, no combate ao terrorismo e à violação dos direitos humanos. Nem sempre bem, diga-se, em abono da verdade.

Barak Obama terminará, no próximo ano, o exercício das suas funções. Desse período, a história registará alguns momentos: a forma como lidou, bem, com a crise financeira e económica; o restabelecimento de relações diplomáticas com Cuba, quebrando um embargo diplomático e económico com mais de 50 anos; o recente acordo nuclear com o Irão, um dos maiores inimigos dos EUA; a forma como Obama tentou instituir uma espécie de Serviço Nacional de Saúde (Obama Care) para todos os americanos, garantindo, dessa forma, o acesso à saúde para todos os seus compatriotas; pela negativa, revela-se a sua incapacidade (até à data) em fechar a prisão de Guantánamo, em Cuba, uma espécie de ilha civilizacional, onde os direitos humanos e a lei não existem.

Mas, o que mais me impressiona no Presidente Barack Obama é o seu humanismo, manifestado na sua sensibilidade com os mais desfavorecidos e a sua procura, sistemática, do entendimento, através da diplomacia (nem sempre conseguido). Obama foi, também, um líder com força e determinação,

no combate aos terroristas que, na atualidade, ganham terreno em todo o mundo e cometem atrocidades sem limites.

Barack Obama é uma pessoa boa e foi um bom presidente dos EUA, na minha modesta opinião. Espero que a sua carreira política continue, pois o mundo não pode prescindir dos seus melhores líderes.

Se a União Europeia recorresse ao concurso público internacional para recrutar os seus líderes máximos, Barack Obama seria um excelente candidato a liderar a Europa e faria, certamente, muito melhor serviço que os nossos atuais líderes que, quando comparados com o americano, deixam mesmo muito a desejar...

2016!

A transição de ano é sempre um momento de balanço, durante o qual se fazem as contas ao ano que passou e se criam expectativas para o ano que se inicia. Normalmente, desejamos um bom Ano Novo, com a esperança de que este seja melhor que aquele que termina.

Naturalmente, cada um fará o seu balanço e saberá, melhor que ninguém, se o ano que terminou poderia ter sido melhor ou pior. Já em relação a 2016, todos esperamos que seja melhor que 2015. É sempre assim: todos desejamos que o futuro seja melhor que o presente ou que o passado. Esta esperança positiva no futuro é uma realidade fundamental na nossa saúde individual e coletiva. Estamos mal, quando não encaramos o futuro com esperança positiva.

O que nos espera 2016? Ninguém sabe. No entanto, todos contamos que o país ande para a frente, que a economia mexa, que o desemprego desça, que a pobreza recue, que a saúde chegue a todos, que a educação seja mais e melhor, que muitos dos que emigraram voltem ao nosso país, que o governo governe bem, que a oposição seja eficaz, que ninguém fique para trás e que, no final de 2016, sintamos que esse ano foi melhor que 2015. Os portugueses merecem um ano novo melhor que este que, agora, termina.

Como *querer é poder* e como *vale mais quem quer do quem pode*, então, caras/os leitoras/es, vamos querer muito que 2016 seja melhor que 2015 e, principalmente, vamos fazer mesmo por isso.

Nestas coisas do destino, quem vai para o futuro, avia-se no presente! Assim sendo, pensamento positivo e mãos à obra, pois, como sabemos, parte do nosso destino depende da força da nossa vontade e da ação das nossas mãos!

Votos de um bom ano 2016!

112 HOSPITAIS...

Primeiro foi o BPN. Depois o BPP, o BES e o BANIF. Agora, não se entendem no BPI e parece que a CGD necessita de muito dinheiro e a União Europeia não autoriza o estado português a capitalizar o seu banco público. No futuro imediato, sabe-se lá que outros problemas ocorrerão, nestes ou noutros bancos, pois a procissão ainda irá no adro da igreja. Em todos os casos, o Orçamento do Estado tem desembolsado milhares de milhões de euros para «*assegurar a estabilidade do sistema financeiro*».

Entre 2008 e 2014, contas por alto, feitas por alguém que não é especialista e recorrendo apenas à informação disponível na comunicação social, os contribuintes portugueses já pagaram cerca de 18 mil milhões de euros para salvar bancos que estavam à beira do colapso. Entretanto, desde 2014, já *rebentaram* o BES/NOVO BANCO e o BANIF, sendo que ainda não há a certeza de quanto custarão estes dois casos.

Para se ter uma ideia do que estamos a falar, os 18 mil milhões de euros que Portugal colocou nos bancos em dificuldades davam para construir 112 hospitais novos em Évora (se assumirmos 160 milhões de euros como sendo o custo estimado do novo Hospital Central de Évora) ou para distribuir 1800 euros por cada português (se assumirmos que somos cerca de 10 milhões de pessoas). É muitíssimo dinheiro...

Perante esta realidade, facilmente constataremos que Portugal tem vindo a gastar uma parte significativa do seu dinheiro com o sistema financeiro. Pagamos os empréstimos, os juros dos empréstimos e ainda salvamos os bancos que, em grande parte, nos cobram os empréstimos e respetivos juros...

Assim, sobra pouco para investir nos portugueses, nomeadamente em coesão social, educação e saúde...

A CATÁSTROFE DEMOGRÁFICA DO INTERIOR...

Na passada semana, desloquei-me a Pinhel, para participar num Congresso sobre Educação, a convite da Câmara Municipal local. Aproveitei a ida e, no fim-de-semana, visitei alguns locais rurais daquela zona beirã.

À semelhança do que acontece em todo o interior do país (Trás-os-Montes, Douro, Beiras, Alentejo e interior do Algarve), o despovoamento – uma realidade incontornável e, aparentemente, irreversível – é uma evidência que nos entra pelos olhos dentro. De facto, não se vê quase ninguém jovem e, em muitas das pequenas localidades do interior português, a taxa de envelhecimento é enorme. Se retirarmos as capitais de distrito desta análise, o que fica evidente é, sem qualquer rodeio, uma catástrofe demográfica em marcha acelerada em todo o interior de Portugal.

A crise financeira e económica, de que ainda não saímos, deu a última machada em muitas comunidades, que perderam, para a emigração, os poucos jovens que ainda aí se mantinham. Na minha opinião, perderam-nos para sempre, pois esta geração emigrou de vez para os seus locais de destino.

Daqui a uma ou duas décadas, muitos dos concelhos e freguesias do interior do país terão perdido mais de metade da sua atual população, com as previsíveis consequências económicas e sociais.

Esta é uma questão nacional da maior importância que deverá merecer uma abordagem política urgente e consensual. O interior do país, as suas gentes e os seus políticos locais têm lutado com todas as suas forças, mas o seu esforço, isolado, não é suficiente. São necessárias políticas públicas nacionais focadas na coesão territorial e na promoção do desenvolvimento do interior, criando condições para a geração de trabalho, única âncora demográfica capaz de evitar a catástrofe.

Isto é para ontem. Se esperarmos mais dez anos para nos entendermos e organizarmos na resposta a esta emergência demográfica, já será tarde demais...

ELEIÇÕES ENCERRADAS: AO TRABALHO!

No passado domingo, encerrou-se o último capítulo de um conjunto de eleições que determinou uma nova realidade política em Portugal. Temos, finalmente, uma Assembleia da República a funcionar, um governo a governar e um Presidente da República eleito.

Parabéns aos vencedores e reconhecimento e respeito para os vencidos, pelo contributo democrático que todos proporcionaram. Felicidades, para os que estão e vão estar no exercício de funções políticas da mais elevada responsabilidade, pois foram eleitos pelos seus concidadãos ou sufragados pelo parlamento.

Agora, há um país e um povo que anseiam por andar com a sua vida para a frente e que esperam que os seus representantes criem as melhores condições para que seja possível que Portugal e as/os portuguesas/es mudem a página do seu destino. Uma nova página no desenvolvimento humano, social e económico, na promoção do emprego, no combate às desigualdades e às injustiças sociais, na reparação das assimetrias sociais e territoriais, no apoio às famílias, no apoio às empresas, no estímulo e aposta nos jovens, no respeito e consideração pelos mais idosos, na garantia do acesso à saúde e à educação, na valorização e divulgação das nossas língua e cultura e na concretização de uma cultura e prática políticas assentes numa ética com valores e princípios sólidos.

Há muito trabalho a fazer e pouco tempo para o concretizar. Por isso, não há tempo a perder nem energias a desperdiçar. O nosso destino, como povo e como país, depende muito de nós, da nossa resiliência, do nosso trabalho e da nossa união. Mas, também depende dos que nos lideram. Os nossos líderes devem dar-nos força e esperança e não o contrário; devem aumentar-nos e não diminuir-nos; devem construir soluções e não problemas; devem servir-nos e não servirem-se.

A nossa democracia já está adulta, com os seus quase 42 anos. Quando comparamos Portugal do presente com o de 1974, a evolução que se verificou foi enorme e o balanço que podemos fazer é positivo. Quando comparamos o Portugal do presente com o Portugal dos nossos sonhos, verificamos que estamos ainda muito longe do que ambicionamos e me-

recemos, porque poderíamos ter feito muito mais do que fizemos, nas condições que tivemos.

Com eleições encerradas, chegou a hora de nos unirmos e continuarmos o trabalho de construção do nosso futuro à medida dos nossos sonhos. Mãos à obra!

INTERVENÇÃO PRECOCE: UMA POLÍTICA PÚBLICA DE REFERÊNCIA!

De acordo com notícia da jornalista Maria Antónia Zacarias, que o Diário do SUL publicou, ocorreu, em Évora, a I Feira da Intervenção Precoce na Infância. A iniciativa teve, como finalidade, divulgar este projeto e dar a conhecer a forma como está a ser concretizado na região (em particular no distrito de Évora) e o benefício que dele decorre para as crianças com necessidades educativas especiais e suas famílias.

A Intervenção Precoce é um dos melhores exemplos de políticas públicas, devidamente articuladas e coordenadas, focadas no serviço aos cidadãos, neste caso, as crianças. Na realidade, os serviços regionais e distritais dos Ministérios da Saúde, da Educação e da Solidariedade Social, as autarquias locais e as instituições da sociedade civil vocacionadas para esta área coordenam-se, em cada território, e produzem uma intervenção única que abrange todas as dimensões vitais para o bom desenvolvimento das crianças e das suas famílias: a saúde, a educação e o apoio social.

Na região Alentejo e, em particular, no distrito de Évora, a Intervenção Precoce é considerada uma política pública de referência e tem assegurado, a centenas de crianças e suas famílias, desde 2002, um serviço de grande qualidade. A Organização Mundial de Saúde (OMS) já distinguiu, em 2010, esta política pública no Alentejo com um Prémio de Boas Práticas, facto que é uma grande distinção internacional.

Que belo exemplo do que podia (e devia) ser a ação do Estado noutras áreas da vida dos cidadãos e das instituições: sem quintais, nem capelinhas. Gastando o mesmo dinheiro, conseguir proporcionar uma única resposta pública e um serviço de excelência.

Parabéns a todas/os as/os profissionais envolvidas/os e votos para que a Intervenção Precoce chegue, em todo o território nacional, a todas as crianças que dela possam beneficiar

O SENHOR DA BIBLIOTECA...

Devia ter aí uns 4 ou 5 anos de idade quando fui, pela primeira vez, à *carrinha dos livros*, em São Miguel de Machede, acompanhado pelo meu saudoso amigo José Manuel Assuda.

Lembro-me do cheiro daquela carrinha: o inesquecível cheiro dos livros e das bibliotecas. Lembro-me, também, da *enchente*: o espaço não era grande e qualquer meia dúzia de pessoas o preenchia. Eu, sendo mais pequeno, limitava-me a circular nos intervalos dos adultos e ficava-me pelas prateleiras mais baixas. Era aí que se localizava a banda desenhada, que eu adorava: Mandrake, o mágico; Sandor, o corsário; Capitão Alvega, o aviador da Grande Guerra; Texas Jack, o pistoleiro e tantos outros que já não me recordo.

Mas, havia algumas regras na **Biblioteca Itinerante da Fundação Calouste Gulbenkian**. Os mais pequenos, como eu, tinham acesso condicionado à literatura. A leitura era gerida, com bastante atenção e critério, pelo *Senhor da Biblioteca*. Só podíamos levar, para ler, alguns livros, de acordo com a nossa idade. Era aqui que eu fazia grandes negócios com o José Manuel, o Diogo Figueiredo e outros amigos: por dois ou três *berlindes ganhuças* de casquinha, eles requisitavam livros dos Cinco e dos Sete, da Enid Blyton, e emprestavam-me para eu ler; por um berlinde de vidro ou por um pão, já tinha direito a um livro da Agatha Christie. No meu quintal, o Firmino Ascensão ensinava-me a ler. Tudo à sucapa do *Senhor da Biblioteca*...

Até um dia, em que, por distração, devolvi uns livros que o José Manuel me tinha emprestado. Quando vi o *Senhor da Biblioteca* a olhar para aqueles livros, com as histórias do famoso Hercule Poirot, fiquei a tremer, pois sabia que tinha borrado a escrita. Quando eu esperava a terrível descompostura, o *Senhor da Biblioteca* virou-se para mim, a sorrir, levou-me para a parte final da carrinha e disse-me para eu escolher o que quisesse ler. A partir daquele dia, tinha carta branca...

Nesse dia, levei um daqueles sacos plásticos brancos fortes da Casa Bérita (onde a minha mãe era cliente) cheio daqueles livros reservados aos mais velhos e mais uns quantos livros de cowboy na mão.

Um destes dias, revi o **Senhor da Biblioteca, o Senhor Professor Armando Carmelo**, no Redondo, a sua terra. Meti-me com ele e agradeci-lhe a liberdade que me concedeu para ler o que quisesse...

PARABÉNS, DIÁRIO DO SUL!

Na comemoração de mais um aniversário do Diário do SUL, aqui enviamos estas breves palavras de felicitações e de amizade. Na nossa terra (São Miguel de Machede), na nossa atividade científica e académica na Universidade de Évora, nossos projetos cívicos e sociais (SUÃO e Universidade Popular Túlio Espanca) e no nosso quotidiano (como leitores do Diário do SUL), o nosso relacionamento foi-se fortalecendo no trabalho que desenvolvemos, com muito empenho e grande espírito de cooperação, alicerçado no respeito institucional e na amizade pessoal.

Sempre iluminados por um farol comum: servir o Alentejo e os alentejanos.

Vai ser assim que continuaremos este caminho, certamente.

A todas/os as/os que dirigem, trabalham e colaboram no grupo Diário do SUL, os nossos sinceros parabéns pelo aniversário e votos de muito e bom trabalho, para o futuro.

* (com Lurdes Pratas Nico)

POLÍTICA POSITIVA...

Em primeiro lugar, que manifestar a minha declaração de interesses: não apoiei nem votei em Marcelo de Rebelo de Sousa. Fui apoiante e votei em Maria de Belém Roseira. Perdi e saudei o vencedor, como deve ser em Democracia.

Desde esse momento eleitoral até hoje, venho observando o desempenho do atual Presidente da República, não tanto na dimensão política, mas como cidadão atento à realidade do seu país.

Tenho verificado que a atmosfera política mudou, de forma substancial, desde essas eleições, uma vez que temos a Presidência da República ocupada por uma pessoa de excecional inteligência, que está ali porque quer e não por ausência de alternativa profissional mais atrativa e exerce as suas funções políticas com prazer e alegria e não com sacrifício, enfado ou contrariado. Estas *diferenças* fazem, naturalmente, toda a *diferença*, na política.

Na realidade, quando observo alguém dotado de muita inteligência e capacidade, que se dedica à política porque quer e não porque dela necessita e o faz com evidente felicidade, não posso deixar de relevar esse facto e valorizá-lo. Faço-o, porque não é frequente observarmos casos destes e porque nos fazem falta, na política portuguesa, pessoas inteligentes, competentes, alegres e que tenham gosto em exercer funções públicas de responsabilidade, em nome dos portugueses.

Naturalmente, não concordo, politicamente, com tudo o que o Presidente da República tem feito, mas isso faz parte do exercício da Liberdade que só a Democracia permite. Mas, reconheço que essas Liberdade e Democracia, que tanto defendo, *muita saúde e oxigénio ganharam* com a chegada de Marcelo Rebelo de Sousa ao mais alto cargo desta centenária nação.

PODEMOS ESCREVER O DESTINO AO CONTRÁRIO ...

Como é do conhecimento público, no próximo sábado, dia 12 de Março de 2016, pelas 16h30min, vai nascer uma nova escola no Alentejo: o **Pólo de Canaviais da Universidade Popular Túlio Espanca/Universidade de Évora**.

Resultado de um processo de cooperação, bem-sucedida, entre a Universidade Popular Túlio Espanca/Universidade de Évora (que dirijo), a Junta de Freguesia de Canaviais e a Casa do Povo de Canaviais, **o novo Pólo de Canaviais da Universidade Popular Túlio Espanca/Universidade de Évora vai ser o quarto pólo daquela instituição de educação popular da academia eborense** (criada em 2009), juntando-se aos já existentes em Alandroal, Portel e Viana do Alentejo.

O início das atividades do Pólo de Canaviais da Universidade Popular Túlio Espanca é uma importante notícia para a freguesia dos Canaviais e para a sua população, pelas oportunidades que este projeto educativo pode adicionar às que já ali existem, no que respeita às atividades educacionais que virá a promover para a generalidade da população residente naquele território.

Mas, a abertura desta nova escola (pois é disso de que trata) é uma **notícia de profundo simbolismo para o Alentejo e para o interior de Portugal**. Numa região em que tantos serviços se encerraram (escolas, tribunais, extensões de saúde, postos de correio, postos da GNR e Juntas de Freguesia, entre outros), a abertura de uma nova escola, resultado da cooperação das instituições nela existentes (públicas e privadas), é a evidência concreta de que **as coisas podem ser feitas ao contrário, se pensarmos nas necessidades e nos interesses das pessoas que aqui vivem**.

Parabéns à Universidade de Évora, à Junta de Freguesia e à Casa do Povo de Canaviais, pela cooperação que encetaram, e felicidades para as futuras atividades da nova escola, na certeza de que as mesmas concorrerão para o exercício do Direito à Educação de muitas pessoas da freguesia de Canaviais.

É assim, que podemos escrever o nosso destino ao contrário daquilo a que, aparentemente, estaremos condenados...

PROF. MANUEL FERREIRA PATRÍCIO

No ano letivo 1983/84, entrei para a Universidade do Algarve, para iniciar o meu percurso académico, no Curso de Hortofruticultura. Mas, nessa época, perdi o meu pai e a minha família passou graves problemas financeiros. Simultaneamente, a vida em Faro era muito cara e a universidade algarvia (inaugurada nesse mesmo ano) não assegurava qualquer apoio social. A consequência disso foi que, no mês de Dezembro de 1983, decidi desistir de estudar.

Uma série de imprevistos e de **boas vontades que encontrei na Universidade de Évora (por parte do então Reitor, Prof. Ário de Azevedo, e do Diretor dos Serviços Académicos, o Sr. Florêncio Leite**, a quem agradeço muito a atenção que me dispensaram, naquele momento crítico), fez com que continuasse a estudar no curso da academia eborense que era frequentado por uma jovem mãe algarvia com quem concretizei a permuta de curso que me colocou na exigente Licenciatura em Ensino de Física e Química.

A minha primeira aula foi numa sala dos Claustros, numa manhã fria de Inverno, em Janeiro de 1984. Entrei, receoso e tímido, para a aula de Teoria da Educação, sentei-me numa das últimas mesas e **comecei a escutar um professor que não conhecia: o Professor Manuel Ferreira Patrício. Naquela aula e naquele dia, a minha vida mudou, para sempre.**

As palavras do Prof. Patrício entraram para dentro de mim com uma força que por cá ficaram até hoje: palavras que defendiam o direito à educação; palavras que me apontavam o papel da educação na construção da nossa autonomia, da nossa opinião, dos nosso juízos e das nossas decisões; palavras que me mostravam a força da educação na construção da Liberdade e da Democracia; palavras que me fizeram sentir a força da Educação na construção, permanente, do nosso Futuro, com base nas nossas convicções e no exercício da nossa Responsabilidade; **palavras poderosas faladas por um homem que irradiava convicção no que dizia e contagiava pela paixão com que defendia o que ensinava.**

O Prof. Manuel Ferreira Patrício é uma das maiores referências da Educação em Portugal: pelo que pensou, pelo que escreveu e, principalmente, pelo que fez. Iniciou a sua carreira profissional, como professor do Ensino Primário, e terminou-a, como o primeiro Reitor alentejano da nossa

Universidade de Évora. **O Prof. Patrício concretizou um percurso científico, pedagógico e cívico ímpar e brilhante**, que deixou marcas em todos os sítios por onde passou e em todas as pessoas com quem trabalhou.

Na semana em que a academia portuguesa inicia uma justa homenagem ao Prof. Manuel Ferreira Patrício, aqui ficam estas palavras para si, meu caro Professor e Amigo: **naquele dia de Inverno de 1984, quando sai daquela aula de Teoria de Educação, já tinha decidido ser Professor, para ajudar nessa extraordinária construção humana que é o exercício do dever e do direito à Educação.**

RTP OLHA PARA PEGÕES!

Num destes dias, ao jantar, bebi um vinho branco *ligeiro* de uma determinada marca. Independentemente do sabor do vinho (que, para mim, foi agradável), o que me surpreendeu, pela positiva, foi que aquele produtor (Adega Cooperativa de Pegões) decidiu utilizar a palavra «*ligeiro*» e não «*light*» para dar a indicação, ao consumidor, de que o seu vinho branco tinha baixo teor de álcool. Fez muito bem!

Enquanto jantava, na RTP (Rádio e Televisão de Portugal, instituição pública), era emitido o telejornal. No intervalo das notícias, foram anunciados a última edição do programa «*The Voice Portugal*» e a primeira edição do programa «*The Big Picture*». Dei comigo a pensar que, a estação pública de rádio e de televisão – que nós pagamos com os nossos impostos para que, entre outras finalidades, seja um instrumento de divulgação e valorização da língua portuguesa no mundo –, deveria adotar o mesmo critério da Adega de Pegões e denominar aqueles programas de «*A Voz de Portugal*» e «*A Grande Imagem*», respetivamente.

Convém aqui recordar que uma das mais extraordinárias «*Vozes de Portugal*» é o nosso alentejano e portelense Jorge Roque que, numa das edições daquele concurso, participou, cantou, encantou e o venceu, com todo o mérito. O Jorge Roque escreve, musica e canta extraordinários poemas, com a sua «*Voz de Portugal*». Podem verificar um exemplo, no seguinte sítio (e não site...) da Internet: <https://www.youtube.com/watch?v=gGTvYRENiis>. Que Voz!

Falada por cerca de 250 milhões de pessoas (que serão 350 milhões, até ao ano 2050, tornando-se na terceira ou a quarta mais falada no mundo), a língua portuguesa é, no presente, o maior património de Portugal e o maior elo de ligação entre povos lusófonos de todo o mundo. Devemos defender, valorizar e divulgar este extraordinário património!

Cara RTP – à semelhança do que a Adega Cooperativa de Pegões faz com o seu vinho – tenta produzir, valorizar e divulgar o melhor de Portugal e dos portugueses: a língua portuguesa! O povo, que te paga, agradece! Deixa a valorização do inglês para os «*camones*»

SOS MONTADO?

Nos últimos tempos, nas voltas que tenho dado pelo Alentejo, tenho vindo a notar algo que me tem inquietado e que, agora, trago às páginas do Diário do SUL, na expectativa de que as minhas palavras possam ter algum eco. O motivo da minha preocupação prende-se com o grande número de árvores (sobreiros e azinheiras) que me parecem afetadas com alguma doença.

Na realidade, tenho observado inúmeras árvores em que são visíveis manchas castanhas de média dimensão que evoluem para uma situação em que a zona onde se encontram vai ficando seca e inerte. Noutros casos, verifica-se uma grande densidade de sobreiros e/ou azinheiras em acelerado processo de desvitalização ou já completamente secos e que permanecem ao lado de exemplares ainda, aparentemente, saudáveis.

Refiro, a título de exemplo, as manchas florestais de montado que são visíveis ao longo das EN 251 (ligação Vimieiro-Pavia) e EN 2 (ligação Mora-Montargil-Ponte de Sor) ou no troço Montemor-Marateca da A6. Nestes locais, podem observar-se centenas de sobreiros e azinheiras nas condições que acabei de descrever.

Não sabendo o que se passa no nosso montado, quero, no entanto, deixar aqui o meu alerta, no pressuposto de que, se estivermos perante um problema de dimensão fitossanitária, é absolutamente imperioso que se verifique do que se trata e se coloque em prática um plano de combate às suas causas e minimização das suas consequências.

O montado é o maior património do Alentejo e é um ecossistema vulnerável, como todos sabemos. Qualquer risco pode comprometer, de forma irreversível, a sua existência, pelo que deve merecer uma resposta rápida e eficaz.

Não nos esqueçamos do que se passou com as palmeiras das nossas cidades e dos nossos campos. Em dois ou três anos foram arrasadas por uma praga de escaravelhos que nunca mereceu a atenção de qualquer autoridade pública. O resultado foi a morte, triste, de inúmeras palmeiras, algumas com largas dezenas de anos e que faziam parte da nossa memória e identidade.

Com o montado pode vir a passar-se o mesmo. Fica, aqui, o meu SOS!

GUILHERME, DE SÃO TOMÉ...

Guilherme Neto vive em São Tomé e Príncipe, é professor, tem dois filhos e é estudante da Universidade de Évora. Frequenta, na sua terra, um curso de doutoramento em Ciências da Educação. Como acontece com a esmagadora maioria dos seus concidadãos, a sua vida nada tem de fácil e as oportunidades, na terra que o viu nascer e onde vive, não abundam. No entanto, **Guilherme tem coragem de ambicionar um melhor futuro e, por isso, não desiste de transformar o seu presente e o do seu país.**

Lembro-me de um dia, deste mês de Maio, em que – no circuito que nos levava até ao pólo da Universidade de São Tomé e Príncipe em que decorriam as aulas e tendo aproveitado de uma boleia de Guilherme – **circulávamos por uma rua bastante esburacada onde o carro saltava constantemente.** No meio do zigue-zague constante, **Guilherme desabafou que não compreendia porque não se tapavam aqueles buracos com massa feita com pedra e terra santomense.** Dizia ele que os buracos continuariam por tapar até que o país tivesse disponibilidade orçamental para comprar massas betuminosas feitas à base de petróleo. Como não havia dinheiro... os buracos permaneceriam. E lá continuámos a viagem, com Guilherme a mostrar as suas capacidades automobilísticas, ao desviar-se, ao mesmo tempo, de buracos, motos, carros e pessoas.

Enquanto decorreu a pequena viagem, **Guilherme deu muitos outros exemplos de soluções para problemas que não envolviam custos para o país.** Bastava, dizia Guilherme, **alguma criatividade e muita organização, para que, com o mesmo dinheiro, se fizesse muito mais e muito melhor pelo povo:** falou de questões da saúde, da educação, da habitação, do saneamento, da agricultura, das pescas, etc.

Ao escutar Guilherme, a cerca de 4600Km de Portugal, não pude deixar de pensar em **tanta coisa que, também aqui, se podia melhorar, sem gastar mais 1 euro.** Mas, como Guilherme referia, é sempre mais fácil e politicamente vistoso despejar dinheiro em cima dos problemas.

Mas, também pensei na natureza dos buracos em Portugal: ao contrário de São Tomé, por cá, parece que temos buracos, mais civilizados, mais *desenvolvidos*, mais *instruídos* e, portanto, mais *complexos* e mais *caros*:

os buracos dos bancos. Só que, ao contrário da terra de Guilherme, por cá temos tapado estes buracos com massa do país: o dinheiro dos portugueses!





